

**RELATÓRIO ANUAL DE PESQUISA ARQUEOLÓGICA
IPHAN**

Processo nº 01500.005362/2013-41
Vigência: 24/04/2016 a 24/04/2016

PROJETO

Os africanos não estavam sós. Relações entre grupos não hegemônicos no litoral sul-fluminense no tempo do tráfico clandestino de escravos

ETAPA 1 – Mangaratiba

Camilla Agostini
Professora Adjunta
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Maio / 2015

Sumário

| | |
|---|----|
| Identificação | 3 |
| Apresentação | 4 |
| Atividades de pesquisa..... | 6 |
| Síntese do desenvolvimento da pesquisa no sítio arqueológico do Sahy..... | 6 |
| Metodologia..... | 6 |
| Mapeamento | 12 |
| Georeferenciamento e definição de Ponto Zero..... | 19 |
| Registro das intervenções arqueológicas..... | 23 |
| Alinhamento PB (ao longo do eixo da Estrada)..... | 24 |
| Alinhamento PA (a Leste da Estrada) | 37 |
| Escavação para esclarecimento da relação do CM, CAL e E..... | 39 |
| CML2 | 45 |
| CQ | 47 |
| Fechamento das áreas de escavação..... | 50 |
| Trabalho em laboratório | 52 |
| Atividades Públicas..... | 53 |
| Uso religioso | 54 |
| Atividades com moradores | 55 |
| Reivindicações dos moradores ao poder público..... | 57 |
| Divulgação científica da pesquisa..... | 60 |
| Apresentação de trabalhos | 60 |
| Publicações | 61 |
| Equipe e apoios..... | 62 |
| Cronograma de execução | 63 |

Identificação

Processo nº 01500.005362/2013-41

Vigência da portaria de pesquisa DOU: 24/04/2016 a 24/04/2016

Solicitação de prorrogação de entrega deste relatório feita em 13 de abril de 2015
(protocolo nº 001469/2015-82)

Projeto: Os africanos não estavam sós. Relações entre grupos não hegemônicos no litoral sul-fluminense no tempo do tráfico clandestino de escravos / ETAPA 1 – Mangaratiba

Coordenação: Camilla Agostini – Professora Adjunta / UERJ

Contato

Camilla Agostini

Endereço residencial:

Rua Voluntários da Pátria, 416/701 – Botafogo

Rio de Janeiro/RJ

Cep: 22.270-010

Endereço profissional:

Universidade do Estado do Rio de Janeiro / UERJ

Departamento de Arqueologia

R. São Francisco Xavier, 524 – Maracanã

Rio de Janeiro/RJ

Cep: 20.550-900

Telefone: 21 2334 0143 ou 2334 10 21

Email: camilla.rio.br@gmail.com

Apresentação

Por meio deste relatório venho expor as atividades referentes ao projeto de pesquisa *Os africanos não estavam sós. Relações entre grupos não hegemônicos no litoral sul-fluminense no tempo do tráfico clandestino de escravos. ETAPA 1 – Mangaratiba*; Processo nº 01500.005362/2013-41; com portaria de pesquisa publicada em DOU nº 77, em 24 de abril de 2014; e vigência de 24/04/2016 a 24/04/2016.

Ressalta-se que um pedido de prorrogação para entrega do presente relatório foi protocolado no dia 13 de abril de 2015, solicitando prazo de entrega para 24 de maio do mesmo ano (protocolo nº 001469/2015-82). Segue o mesmo neste momento, dentro da previsão desta prorrogação de um mês.

O projeto referido vem sendo desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, onde, até recentemente, desenvolvia atividades de pós-doutorado que incluíam as pesquisas no Sahy, em parceria com as historiadoras Hebe Mattos e Martha Abreu. Recém-contratada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Departamento de Arqueologia / UERJ), continuo vinculada ao Labhoi / UFF como pesquisadora associada, em credenciamento no Programa de Pós-graduação de mestrado profissional em História / UFF.

O projeto de pesquisa desenvolvido em Magaratiba mantém diálogo e conta com o apoio de outras pesquisas também ligadas à UFF. São elas o projeto coletivo coordenado Hebe Mattos (Labhoi/UFF) e Martha Abreu (Nupehc/UFF), em andamento desde 2005, *Memória e Música Negra no Rio de Janeiro* (www.historia.uff.br/jongos/acervo); e o projeto *História Pública, Memória e Escravidão Atlântica no Rio de Janeiro*, coordenado por Ana Mauad (UFF) (E-26/110.089/2013 Edital 03/2013 – Temáticos). O projeto conta ainda com recurso do Edital MCTI/CNPq/MEC/CAPES Nº 43/2013, concedido para auxílio a esta pesquisa, além do apoio de diversas instituições públicas e acadêmicas, citadas ao longo deste relatório.

Este relatório contém o registro das atividades de pesquisa desenvolvidas durante a vigência da referida portaria de pesquisa, bem como atividades anteriores cuja realização não intrusiva não dependia da autorização. Será apresentada uma síntese das atividades; o registro técnico das prospecções realizadas (após a publicação da portaria); práticas públicas associadas ao projeto; reivindicações públicas por medidas de

conservação do sítio; atividades de divulgação científica; e o cronograma de atividades a serem realizadas neste ano de 2015.

Atividades de pesquisa

Síntese do desenvolvimento da pesquisa no sítio arqueológico do Sahy

Foi iniciada a pesquisa no sítio arqueológico da praia do Sahy e seus arredores, com mapeamento de estruturas e início das prospecções arqueológicas; bem como entrevistas e observações etnográficas, desenvolvendo um trabalho sobre a memória e os usos contemporâneos das ruínas.

O enfoque histórico da pesquisa sobre o sítio arqueológico do Sahy se dá sobre a participação deste espaço no processo de escravização de africanos durante a ilegalidade do tráfico negreiro (1831-1850), ainda que seus usos anteriores e posteriores a este período também venham sendo observados. A pesquisa que se iniciou com esta proposta tem oferecido recursos para refletir sobre o processo de produção ou do fazer-se escravo no Brasil escravista. Por outro lado, reflexões também estão sendo encaminhadas sobre como as populações do pós-abolição, assim como grupos contemporâneos lidaram e continuam lidando com a memória dessa experiência.

Metodologia

Três frentes de pesquisa foram e continuam sendo conduzidas. Uma arqueológica; outra com a memória e os usos contemporâneos dos espaços arqueológicos; e uma terceira de levantamento de documentação primária nos arquivos. Para isso o projeto conta com o apoio de profissionais e estudantes de diferentes instituições, em acordo com as necessidades de cada etapa da pesquisa até o momento.

Etapas que ocorreram antes da vigência da portaria, sem ações intrusivas:

- 1) **Maio de 2013** (1 dia): visita ao sítio, em levantamento realizado na região litorânea sul-fluminense cuja finalidade era definir o local da pesquisa. Realizado reconhecimento do sítio arqueológico do Sahy e registro fotográfico.

Participaram desta etapa:

Camilla Agostini (Pós-doutoranda UFF)

Hebe Mattos (UFF)

Martha Abreu (UFF)

Lívia Monteiro (Doutoranda UFF)

Instituições parceiras:

Labhoi / UFF

NUPECH / UFF

- 2) **Agosto de 2013** (1 dia): nova visita às ruínas na praia do Sahy e reconhecimento de estruturas vizinhas possivelmente associadas (Engenho do Gago e ruínas em Muriqui associadas por historiadora local como antiga propriedade de Martim de Sá). Levantamento documental na Fundação Mário Peixoto, em Mangaratiba

Participaram desta etapa:

Camilla Agostini (Pós-doutoranda UFF)

Mirian Bondim (Historiadora / Fundação Mário Peixoto)

Instituições parceiras:

Labhoi / UFF

NUPECH / UFF

Fundação Mário Peixoto / Prefeitura de Mangaratiba

- 3) **Outubro de 2013** (1 dia): visita a Fazenda Santa Justina, com reconhecimento de estruturas no local (Fazenda da Cachoeira) e sua relação com o Vale de Santa Bárbara (que tem relação geográfica com a praia do Sahy).

Participaram desta etapa:

Camilla Agostini (Pós-doutoranda UFF)

Mirian Bondim (Historiadora / Fundação Mário Peixoto)

Instituições parceiras:

Labhoi / UFF

NUPECH / UFF

Fundação Mário Peixoto / Prefeitura de Mangaratiba

- 4) **Dezembro de 2013** (8 dias): estabelecimento de contatos e firmadas as parcerias necessárias na região para o desenvolvimento do trabalho. Foram também encaminhados os preparativos para o mapeamento das estruturas em janeiro de 2014, considerando recursos, logística e apoios interinstitucionais. Durante este período iniciou-se também a observação do uso religioso contemporâneo das ruínas, incluindo registro audiovisual de um dia de celebração por diferentes grupos ligados a Umbanda no local.

Participaram desta etapa:

Camilla Agostini (Pós-doutoranda UFF)

Mirian Bondim (Historiadora / Fundação Mário Peixoto)

Instituições parceiras:

Labhoi / UFF

NUPECH / UFF

Fundação Mário Peixoto / Prefeitura de Mangaratiba

Secretaria de Planejamento / Prefeitura de Mangaratiba

Secretaria de Meio Ambiente / Prefeitura de Mangaratiba

5) Janeiro de 2014 (22 dias):

Mapeamento

Foi iniciado o mapeamento do complexo das ruínas do sítio arqueológico do Sahy, com objetivo de produzir uma planta baixa preliminar e descrições das transformações do conjunto arquitetônico no tempo, com a leitura das paredes (vãos emparedados, detalhes construtivos, ampliações, etc.). Neste momento, ainda em fase inicial de captação de recursos para o desenvolvimento das atividades de campo, não contamos com equipamentos de precisão para as medições, tendo sido realizado um croqui de todo amplo complexo, que tem cerca de 40.000 m², com o uso de trena.

Um topógrafo foi cedido pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e esteve conosco auxiliando na demarcação de pontos georeferenciados para articulação de diferentes registros de mapeamento das estruturas. Considerando o potencial da área em estudo, não apenas histórico e arqueológico, mas também patrimonial, público e turístico; estando o sítio em unidade de conservação ambiental (em processo de regulamentação), ressalta-se a importância de produção de mapas e descrições que possam ser compartilhadas e combinadas, considerando os interesses de diferentes instâncias e órgãos interessados.

História Oral

Nesse mês de janeiro foi dado prosseguimento aos registros dos usos contemporâneos do complexo de ruínas, assim como sobre a memória local com bases na tradição oral, tendo sido gravadas entrevistas.

Entrevistas gravadas:

Deti Susano (morador antigo no Sahy)

Eduardo e Paulo (banhistas)

José Paiva (funcionário da FMP que trabalhou na ferrovia)

Guardas Ambientais (funcionários da Secretaria de Meio Ambiente)

Participaram desta etapa:

Camilla Agostini (Pós-doutoranda UFF)

Hebe Mattos (UFF)

Martha Abreu (UFF)

Mirian Bondim (Historiadora / Fundação Mário Peixoto)

Pedro Moreira da Silva Netto (Técnico de agrimensura – UFRRJ)

Pedro Gil de Mendonça (Graduando em Arqueologia / PUC-Goiás)

Bruna Cruz (Historiadora e professora da Escola Municipal Ibicuí)

Equipe de manutenção patrimonial coordenada por Eduardo Enrique Goularte (dois auxiliares), do Município de Mangaratiba (Fundação Mário Peixoto)

Miguel Arthur Bernardes C. Sobreira (Setor de comunicação / Fundação Mário Peixoto)

Guarda Ambiental (Secretaria de Meio Ambiente / Prefeitura de Mangaratiba)

Instituições parceiras:

Labhoi / UFF

NUPECH / UFF

Fundação Mário Peixoto / Prefeitura de Mangaratiba

Secretaria de Meio Ambiente / Prefeitura de Mangaratiba

Etapas que ocorreram a partir da vigência da portaria:

6) Julho de 2014 (15 dias):

Mapeamento

Durante este período foram mapeados pontos, a partir de medições com nível topográfico, que foram correlacionados ao georeferenciamento realizado anteriormente por topógrafo da UFRRJ, para auxiliar na produção da planta geral do sítio, iniciada na etapa de janeiro/2014.

Escavações

Com a devida autorização do IPHAN, cedida através de Portaria de Pesquisa/DOU, iniciaram-se as escavações. Este primeiro momento das intervenções de subsuperfície se definiu por prospecções pontuais com a finalidade de avaliar as condições estratigráficas de determinada área do complexo; investigar a configuração de uma situação arquitetônica em particular (relação entre um complexo murado com um possível canal que o cortaria); e iniciar o treinamento de estudantes sem experiência com o trabalho de campo arqueológico.

Geoarqueologia e análises especializadas

Contamos com a visita técnica de Ximena Villagran, geoarqueóloga da USP, que se integrou ao projeto como consultora e está auxiliando na coleta de sedimentos para análises específicas, além de contatar diferentes profissionais especializados nessas análises. A referida pesquisadora nos orientou para a coleta de amostras para identificação de fezes humanas em área onde presumimos ser local onde africanos ficavam aprisionados; vestígios de diferentes tipos de algas que podem ajudar a entender a dinâmica do possível canal e sua relação com o mangue que existe ao lado; entre outras.

História Oral

Novas entrevistas foram realizadas, com atuação especial de Thiago Campos Pessoa (Pós-doutorando em História na UFF) neste trabalho de registro da oralidade.

Entrevistas gravadas:

Deti Susano (morador antigo no Sahy)

Dona Edna (moradora antiga no Sahy)

Seu Nilton (ASSOPESCA)

Prática Pública

Houve uma aproximação com os moradores do Sahy, em particular com a ASSOPESCA, que se mostrou interessada em apoiar a pesquisa (com empréstimo de equipamentos, por exemplo) e em ajudar a estreitar nosso

diálogo com moradores locais. Foi realizada, assim, uma reunião com moradores do Sahy, na qual foram produzidos desenhos das ruínas pelos mesmos. O pedido da Associação de ajudarmos a “enfeitar” as paredes da sua sede recém-inaugurada nos levou a oferecer uma exposição permanente, que ficasse na sede, com montagens dos desenhos produzidos pelos moradores, pequenos textos, fotografias e mapas históricos levantados no Arquivo Nacional e Biblioteca Nacional. Este diálogo com moradores locais tem, ao mesmo tempo, interferido no próprio procedimento da pesquisa, no sentido de levar à reflexão sobre o mesmo. Exemplo disso diz respeito às formas como juntos temos pensado aquele espaço e como este diálogo interfere, por exemplo, na coleta de informações orais da memória. Um primeiro artigo científico com reflexões sobre essas implicações metodológicas já está sendo encaminhado à publicação.

Levantamento arquivístico

Teve continuidade o levantamento em arquivo de mapas e manuscritos ligados ao sítio, iniciado em dezembro de 2013, passando a contar com o auxílio da estagiária Raquel Terto (graduanda em História / UFF).

Participaram desta etapa:

Camilla Agostini (Pós-doutoranda UFF)

Hebe Mattos (UFF)

Martha Abreu (UFF)

Fernanda Codevilla (Pós-doutoranda em Arqueologia pela UFMG)

Jimena Cruz (Mestre em Arqueologia pela UFMG)

Thiago Campos Pessoa (Pós-doutorando em História pela UFF)

Pedro Gil Mendonça (Graduando em Arqueologia pela PUC/GO)

Suzana Correa Barbosa (Jornalista, Graduanda e Mestranda em História pela UFF)

Iran Maia (Graduando em História pela UFF)

Alana Verani (Graduanda em História pela UFF)

Renata Anunciação da Silva Borges (Graduanda em História UNIRIO).

Raquel Terto (Graduanda em História pela UFF – enviando documentos de arquivos no RJ para o campo via internet)

Ximena Villagran (Geoarqueóloga, Pós-doutoranda pela Universitat Tubingen)

Equipe de manutenção patrimonial coordenada por Eduardo Enrique Goularte (dois auxiliares), do Município de Mangaratiba (Fundação Mário Peixoto)

Instituições parceiras:

Labhoi / UFF

NUPECH / UFF

Fundação Mário Peixoto / Prefeitura de Mangaratiba

Secretaria de Meio Ambiente / Prefeitura de Mangaratiba

Associação dos Pescadores Maricultores Lazer do Sahy (ASSOPESCA)

Associação de Moradores do Sahy

Restaurante Zé da Quentinha (apoio logístico para guarda de equipamento)

7) Novembro 2014 (10 dias):

Mapeamento

Durante este período foi realizado o mapeamento da subsuperfície, com análise da estratigrafia de parte do lado Leste do complexo, através da realização de sondagens em *transects* com cavadeira boca de lobo, descritas adiante.

Escavações

Neste momento, as intervenções de subsuperfície, como mencionado, se definiu por prospecções com a cavadeira boca de lobo seguindo *transects*, com a finalidade de avaliar as condições estratigráficas de determinada área do complexo, no lado Leste do mesmo. Os dados já vêm sendo trabalhados em laboratório e as camadas do lado Leste do complexo (relacionada à estrada) já foram identificadas. Vale destacar que entre 30 e 50 cm da superfície atual foi identificado um calçamento de pé-de-moleque que parecia cobrir toda a estrada e que foi plantado sobre trechos de aterro com sedimento vermelho e plástico.

Foram também realizadas duas prospecções com outros objetivos. A primeira delas, em uma quadrícula de 1 m x 1 m, para avaliação do local onde se imaginava estar uma lixeira antiga. No ponto prospectado foi encontrado refugo apenas relacionado ao século XX. A segunda delas foi realizada dentro do local designado CQ / B, onde se imagina ter sido local para abrigo dos africanos. Na base da parede onde aparecem orifícios que sugerem local para aprisionamento em correntes foi feita coleta de sedimento, sob orientação da gearqueóloga Ximena Villagran e de Jago Jonathan Birk, para avaliar a evidência de cropostanol (indicador de fezes humanas). O material coletado ainda está em análise na Universidade de Maiz, na Alemanha, sob responsabilidade de Jago Jonathan Birk.

História Oral

Além de nova entrevista agendada, foram realizadas conversas informais com diferentes pessoas que frequentam o local, com registro audiovisual durante o trabalho de campo.

Entrevistas realizadas:

Dona Arlete (chefia um centro de umbanda do bairro do Sahy)

Manuscritos

Os estagiários do projeto Raquel Terto e Iran maia, ambos graduandos em História na UFF, deram continuidade ao levantamento e digitalização de manuscritos no Arquivo Nacional e no Museu da Justiça, posteriormente iniciando as suas transcrições.

Prática Pública

Foi feita a doação de um conjunto de quadros, formando uma exposição, produzida no segundo semestre de 2014, com a participação da estagiária do projeto Suzana Corrêa. Os quadros foram doados como uma exposição permanente para a sede da ASSOPESCA, com pequenos textos, desenhos produzidos pelos moradores, fotografias e mapas históricos.

Participaram desta etapa:

Camilla Agostini (Pós-doutoranda UFF)

Suzana Correa Barbosa (Jornalista e Mestre em História pela UFF; graduanda em História pela UFF)

Raquel Terto (Graduanda em História pela UFF)
Renata Anunciação da Silva Borges (Graduanda em História UNIRIO).
Ximena Villagran (Geoarqueóloga, Pós-doutoranda pela Universitat Tubingen – consultoria via internet)
Jago Jonathan Birk (Universitat Mainz / Alemanha – consultoria via internet)
Equipe de manutenção patrimonial coordenada por Eduardo Enrique Goularte (dois auxiliares), do Município de Mangaratiba (Fundação Mário Peixoto)

Instituições parceiras:

Labhoi / UFF

NUPECH / UFF

Fundação Mário Peixoto / Prefeitura de Mangaratiba

Secretaria de Meio Ambiente / Prefeitura de Mangaratiba

Associação dos Pescadores Maricultores Lazer do Sahy (ASSOPESCA)

5) Janeiro-Fevereiro 2015 (5 dias)

Mapeamento

O intuito dessa etapa foi o de receber equipe da USP que se prontificou a dar apoio ao projeto, na captura de dados com o GPR (*Ground Penetration Radar*) na área que se supõe ser um cemitério. Os dados ainda estão em análise por Tiago Attore (Mestre em Arqueologia / MAE-USP). Também foi feito encaminhamento de planta geral do complexo que passou a ser realizada com a ajuda de Jhonatan Souza, aluno do curso de arquitetura da UFF, que esteve incorporado ao projeto como estagiário voluntário.

6) Maio 2015 (2 dias)

Mapeamento

O sítio foi apresentado à arquiteta Clarice Muhlbauer para avaliação de custo para produção de desenho técnico com suporte da topografia.

Prática pública

Conversa gravada com d. Arlete e sua filha Elaine, responsáveis pelo centro de Umbanda existente no Sahy, sobre o primeiro artigo escrito sobre a pesquisa no local antes de sua publicação.

Mapeamento

Parece relevante um comentário sobre as dificuldades sobre o encaminhamento do mapeamento da área. Delas decorrem os principais motivos do pedido de prorrogação do presente relatório, mencionado anteriormente. Desde dezembro de 2013 buscamos apoio para a realização de planta do conjunto de estruturas (com cerca de 40.000m²), que apresenta características complexas e fragilidades graves de

conservação, considerando ainda que se encontra em Unidade de Conservação Ambiental, com uso público intenso.

Com recursos exclusivamente procedentes de projetos de pesquisa, contamos com diversas parcerias e apoios institucionais que têm sido importantes e bem sucedidos. No entanto, especificamente para o caso da realização deste mapeamento, as tentativas realizadas, por razões diferentes, não prosperaram. A primeira delas junto à Secretaria de Planejamento ligada à Prefeitura de Mangaratiba que nos cedeu a ajuda de uma arquiteta, um topógrafo e um estagiário; a segunda contou com a colaboração da UFRRJ, com a cessão de um topógrafo; a terceira de profissional que participou, em nome da USP, na captura de dados com GPR e que, por dispor da estação total da referida universidade e conhecimento técnico para mapeamento com equipamento de precisão se dispôs a ajudar.

Todas essas tentativas, por diferentes razões infelizmente frustradas, foram mobilizadas no sentido de produzir um mapa o mais preciso possível que pudesse ser compartilhado por outros interesses públicos, considerando a importância da área do ponto de vista patrimonial, histórico, turístico, religioso, acadêmico, como Unidade de Conservação Ambiental em regulamentação e de interesse público de uma maneira geral. De toda forma, para fins de encaminhamento da pesquisa foi elaborado um croqui pela própria equipe do projeto, sem o uso de equipamentos de precisão. Os dados deste croqui geral estavam sendo trabalhados por Jhonatan Souza, estagiário junto ao projeto, graduando em arquitetura na UFF, que passou a desenhar no AUTOCAD os croquis feitos em campo. Na impossibilidade do referido estagiário permanecer junto ao projeto, recentemente a arquiteta Clarice Muhlbauer foi contatada para orçar a produção da referida planta, entre outros produtos para o mapeamento do complexo.

Ainda que uma planta geral com precisão não tenha sido realizada, a pesquisa já pode definir as diferentes áreas e setores que compõem o complexo e reconhecer algumas de suas principais características. De uma maneira geral, o conjunto de ruínas do Sahy foi identificado pela composição de áreas e conjuntos de estruturas, cujas referências mais gerais são quatro:

- 1) uma grande área com cerca de 22.000m² com muitas estruturas e alicerces cercados por um grande muro contínuo (Complexo Murado). A configuração geomorfológica e a oralidade indicam que este complexo era cortado do sentido Leste – Oeste por um canal, provavelmente desviado do rio Sahy que se localiza a Leste do sítio;

2) complexo quadrangular com cerca de 900m² localizado fora da área do Complexo Murado referido, e a Leste do mesmo (Complexo Quadrangular);

3) uma faixa de terreno contínua que separa os dois complexos referidos, fazendo a ligação do acesso ao mar com a parte do continente (Estrada). Este caminho possivelmente estava ligado com a antiga estrada do Rubião que seguia serra a cima, pelo Vale de Santa Bárbara, segundo referências orais locais. Tem uma peculiaridade importante de, no trecho que corta as estruturas, ter suas laterais muradas. Em sua extremidade mais ao Norte, esses muros que beiram a estrada foram provavelmente destruídos com a passagem da linha férrea que se encontra em atividade próxima às estruturas e é atualmente de uso da companhia Vale S.A.

4) área ao Norte do Complexo Murado (entre o complexo de estruturas e a linha do trem) indicada pela oralidade como antigo cemitério.

Abaixo o reconhecimento dos conjuntos de estruturas e suas definições em Áreas; Setores; e áreas de intervenção arqueológica (Prospecção com cavadeira boca de lobo; Sondagem com ampliação de áreas de prospecção; Trincheira; Quadrícula):

Complexo Murado (CM)

CML1

CML2

Trincheira 1

Trincheira 2

CML3

Área do Porto (AP)

Área do Cais (AC)

Entre Muros Norte (EMN)

Entre Muros Sul (EMS)

Noroeste do canal (NO)

Canal (CA)

Canal Lado Oeste (CAO)

Canal Lado Leste 1 (CAL1)

Sondagem 1

Canal Lado Oeste 2 (CAL2)

Sondagem 3

Cemitério (CE)

Complexo Quadrangular (CQ)

Área Em L (AL)

Barracão (B)

Área Externa (AE)

Casa (C)

Trincheira 1

Estrada (E)
Canal-Estrada (E_Cest)
Prospecção 2

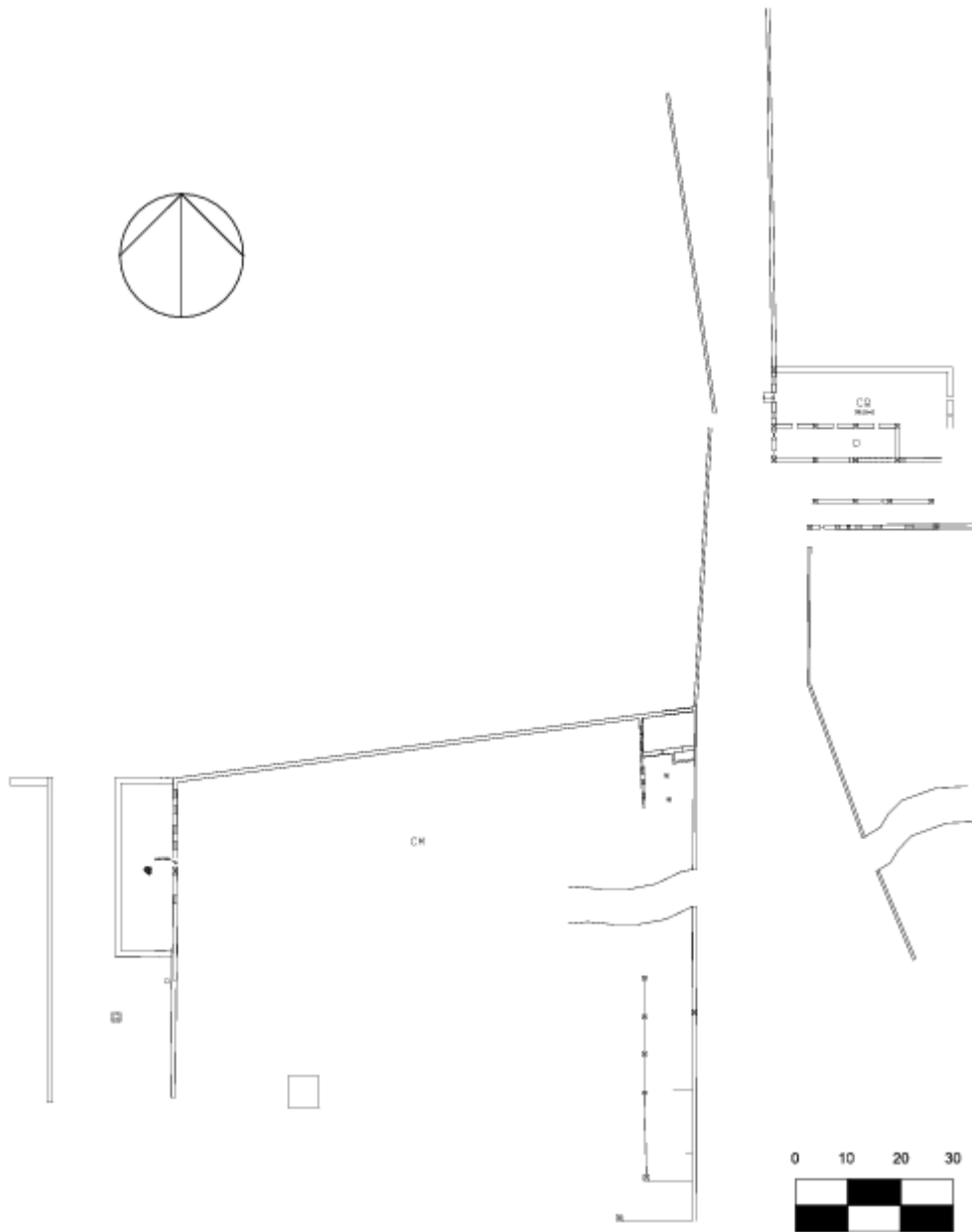
Áreas externas imediatas do complexo geral de estruturas, associadas às ruínas:

Sul (S)
Sul Oeste (SO)
Sul Leste (SL)

Norte (N)

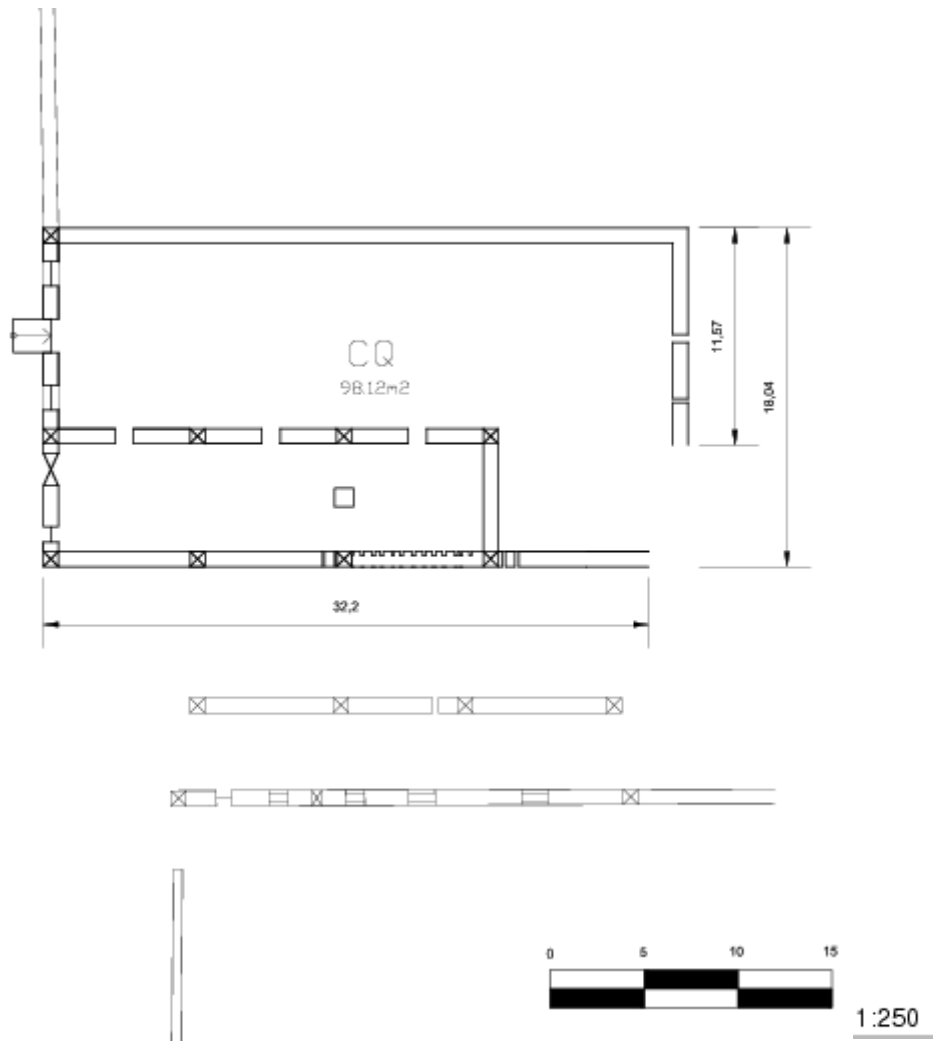
Oeste (O)
Oeste ao Norte do Canal (ON)
Oeste ao Sul do Canal (OS)

Leste (L)



1:1000

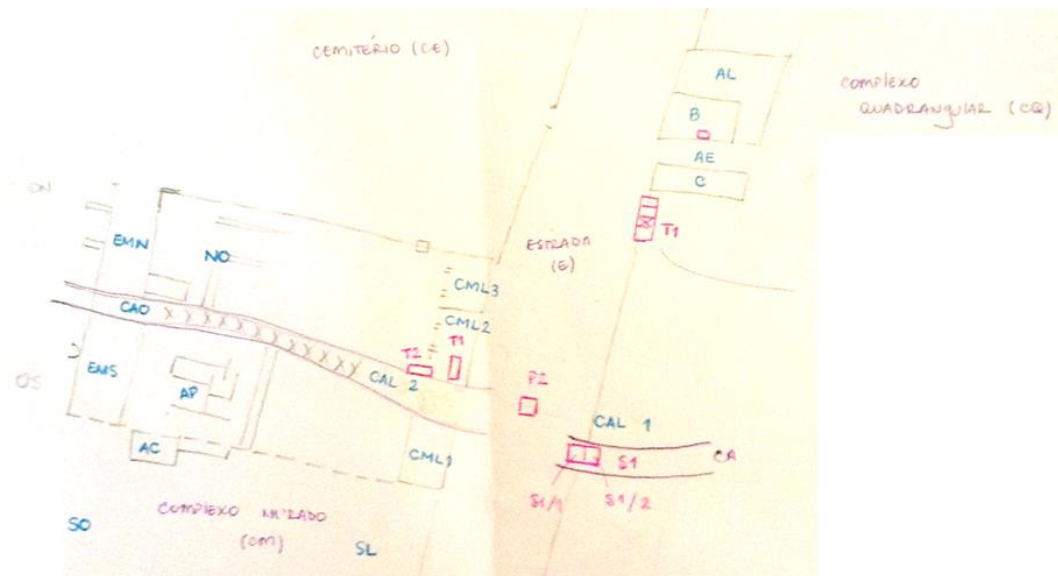
Planta Geral – preliminar
Desenho: Jhonatan Souza



Detalhe do Complexo Quadrangular – projeção de como teria sido a estrutura
 Desenho: Jhonatan Souza



Foto aérea na área do possível cemitério (área sem vegetação)
Foto via Drone: Tiago Attore (USP)



Localização das áreas e suas siglas para referenciar o material

Georeferenciamento e definição de Ponto Zero

Foram definidos cinco pontos georeferenciados marcados no solo com cano metálico por topógrafo da UFRRJ. Os referidos pontos (P1; P2; P3; P4; P5) servem como pontos-zero para diferentes áreas do sítio. Foi solicitado apoio à Secretaria de Meio Ambiente / Prefeitura de Mangaratiba o apoio na criação de marcos de cimento, já que tais pontos servem de referência a diferentes interesses. No entanto, esta solicitação ainda não pode ser atendida.



DATUM HOR.: SIRGAS2000
VERT. IMBITUBA

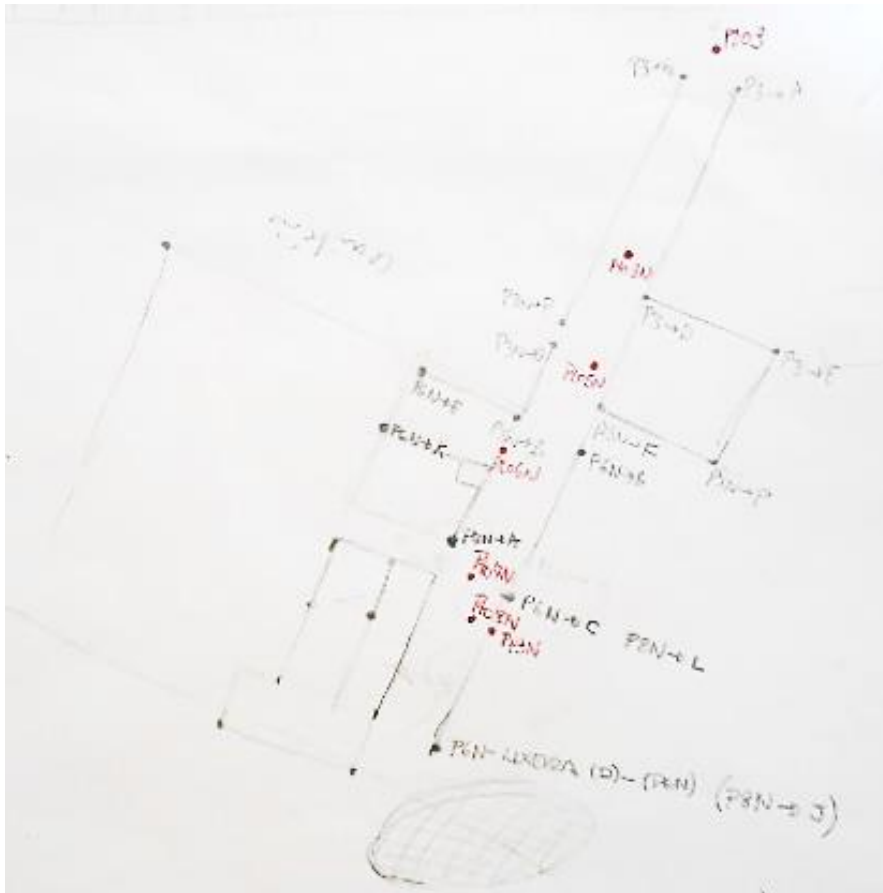
| NOME | NORTE | ESTE | ALT. ORT. |
|---------|--------------|-------------|-----------|
| P1-Mang | 7462632.4400 | 601826.8360 | 3.566 |
| P2-Mang | 7462479.1020 | 601766.9210 | 1.342 |
| P3-Mang | 7462800.9870 | 602015.9030 | 3.681 |
| P5-Mang | 7462553.7650 | 602011.9980 | |
| P6-Mang | 7462499.6330 | 601894.3440 | |
| BASE | 7462494.4720 | 601679.6490 | 3.730 |

Georeferenciamento dos 5 pontos-zero (marcados no local com canos metálicos)
Marcações produzidas com estação total por Pedro M. da Silva Netto (UFRRJ)

A área onde foi iniciado o esforço de pesquisa de maneira mais detida (lado Leste do complexo) teve como referência o ponto zero P3, que fica na parte mais alta do terreno, próxima à linha férrea. A partir do P3 foram definidas projeções do mesmo com auxílio de nível topográfico, gerando novos pontos-zero que permitissem o mapeamento de todo lado Leste do complexo, ao longo da Estrada. Assim, a partir de P3 foram definidos P3N; P4N; P5N; P6N; P7N; P8N.



Localização do P3 a partir da Estrada (com os muros que a cercam nas laterais)



Pontos-zero projetados com nível topográfico a partir do ponto-zero georeferenciado P3

Também foi feito registro de pontos com GPS, com mapeamento preliminar do perímetro geral:



Perímetro georeferenciado com GPS – Imagem produzida por Fernanda Codevilla e Iran Maia

Registro das intervenções arqueológicas

Como referido foram realizadas escavações particularmente no lado Leste do complexo, para mapeamento do comportamento estratigráfico e algumas sondagens pontuais para averiguação de estruturas, bem como identificação de possível lixeira. Todas as intervenções arqueológicas neste lado Leste do sítio foram definidas a partir do ponto zero P3. Foram usados os seguintes referenciais de escavação:

Transects:

Alinhamento pré-determinado de prospecções em intervalos regulares.

Prospecção:

Área circular produzida com cavadeira boca de lobo; ou quadrículas de 0,5 m X 0,5 m.

Sondagem:

Áreas estendidas a partir de prospecções, determinadas pela necessidade de averiguação de estrutura ou qualquer outra situação de interesse.

Quadrícula:

Unidades quadrangulares, geralmente de 1 m x 1 m, mas podendo ter sua extensão adaptada.

Trincheira:

Sequencia contínua de quadrículas em linha reta.

Área de escavação:

Escavação em superfície ampla.

As prospecções foram programadas para serem feitas seguindo *transects* em três pontos da parte Leste do sítio, realizadas com a cavadeira boca de lobo, com intervalo de 5 m. O alinhamento designado PB, seguiu o eixo da estrada que corta o complexo no sentido Norte – Sul. Dois outros alinhamentos foram definidos nas laterais Leste (alinhamento PA) e Oeste da mesma Estrada (alinhamento PC), para além dos muros que delimita suas margens. Contudo, na etapa de campo para esta avaliação não houve tempo suficiente para as prospecções da linha PC, do lado Oeste da estrada, que coincide em parte com a área do possível Cemitério.



Marcação dos *transects* – nas imagens a localização da linha PC, cujas prospecções ainda devem ser realizadas

Alinhamento PB (ao longo do eixo da Estrada)

O primeiro alinhamento realizado foi o PB, seguindo o eixo da Estrada no sentido Norte – Sul. A caracterização das camadas até o momento tem como principal referência os resultados deste alinhamento, que se caracteriza pelo seguinte perfil estratigráfico:

CI – sedimento escuro, geralmente mais solto. Parece uma camada de decomposição mais recente da vegetação. Nos pontos de maior trânsito de pedestres da Estrada ela está ausente.

CII – sedimento castanho; varia em níveis de compactação, granulometria e humidade, mas no geral é mais compacto e possui grãos finos.

CIII – sedimento avermelhado, compacto. Em meio a este sedimento às vezes aparecem lentes de uma areia fina e cinza de continuidade variável, além de cascalho.

OBS:

A cima desta CIII foi comum encontrar um leito de pedras miúdas, provavelmente de pé de moleque de antigo calçamento da estrada. Muitas sondagens não foram aprofundadas, evitando a retirada dessas pedras que estavam em uma camada sempre próxima a superfície.

Esta CIII não é uma camada homogênea, aparece em algumas áreas da Estrada. A suspeita é que seja um aterro sobre o qual se plantou o calçamento de pé de moleque, provavelmente nas situações onde o terreno exigia essa medida.

CIV – sedimento arenoso, mais fino e mais solto. Varia em coloração e umidade. Essas variações foram registradas também na sua sequência em profundidade (camadas CV e CVI), sendo mais escura e mais úmida na medida de aprofunda:

CIVa; CVa; CVIa – coloração em tons de cinza ao preto

CIVb; CVb; CVIb – coloração do bege/castanho ao marrom

CIVc; CVc; CVIc – coloração branca

OBS:

Abaixo da CIII (ou da CII, quando a CIII não existe) surge sempre o sedimento mais arenoso (CIV e posteriores) que vai sofrer variações até cerca de 140 cm de profundidade, quando surge o lençol freático (em média). Às vezes termina em sedimento escuro e lodoso, como de mangue, às vezes em areia de praia.

Pelo limite de tempo do trabalho de campo, a partir do PB32 o intervalo das prospecções passou a ser dobrado, não sendo realizadas ainda as prospecções de PB37 a PB39 desse alinhamento PB, por estarem em área alagadiça (de forma inconstante) por pequena lagoa formada pela água da foz do rio Sahy. O último ponto deste alinhamento foi a PB42 que foi realizada com abertura de quadrícula com 1 m x 1 m.

PB42

A PB42 está localizada na parte mais ao Sul do complexo, logo a frente dos limites das ruínas. Localiza-se em um recorte do terreno, sobre um platô gramado que conta com contenção de pedras (recentes?) na sua base, provavelmente para conter a ação das águas em períodos de cheia da maré. Na base deste recorte do terreno, onde a água tem ação direta e frequente, se nota uma profusão de fragmentos (contemporâneos e oitocentistas, além de pedras em cantaria, provavelmente partes da antiga construção). A suposição era de que ali poderia ser algum tipo de aterro contendo lixo de diferentes épocas.

Nesse sentido optou-se por prospectar o local para averiguação desta possível evidência, além da estratigrafia. Foi encontrada profusão de lixo apenas entre 20 cm e 30 cm da superfície, provavelmente referente a uma ocupação da década de 1980/1990, quando a praia recebia milhares de barracas de camping (algumas temporárias outras permanentes), segundo diversos relatos de moradores locais e banhistas usuários de longa data no local. Em meio a uma lente de carvão associada a esse acúmulo de lixo foi encontrada uma moeda com a data de 1994.

Foi recuperada uma moeda da década de 1950, a cerca de 50 cm de profundidade, sem relação com concentração de outros refugos. As camadas mais profundas as evidências se tornam mais rarefeitas. A quadrícula de 1 m X 1 m foi escavada até 120 m, sendo posteriormente continuada com a boca de lobo, atingindo o lençol freático a 213 m da superfície. Novas quadrículas deverão ser abertas

futuramente em outros pontos desta parte elevada, melhor avaliando a possibilidade da lixeira.

Algumas particularidades estratigráficas foram registradas nesse ponto:

Sup (0 a 4/6 cm) – camada superficial com grama. A grama está enraizada em uma mistura de areia da praia e um sedimento preto.

C0 (4/6 cm a 40/45 cm) – sedimento arenoso, solto, acinzentado-claro, seco, com raízes e muita profusão de fragmentos. Areia da praia branca contemporânea, levemente escurecida por incidência de carvão.

Lente de carvão (20/27 a 30 cm) – sedimento preto com alta concentração de carvão e vestígios materiais associados. Em meio à camada C0.

CII (40/45 cm a 99/100 cm) – sedimento castanho avermelhado, muito fino.

Entre 60/75 cm e 76/85 cm ocorre a CIII. Aparentemente a CIII (possível aterro recorrente no alinhamento PB) separa a CII em dois momentos:

1º momento (40/45 cm a 60/75 cm) – Sedimento castanho, levemente avermelhado, compacto, muito fino, seco.

2º momento (76/85 cm a 99/100 cm) – sedimento castanho avermelhado, muito fino, seco, umedecendo e escurecendo com a profundidade; mais compacto que o anterior.

CIII (60/75 cm e 76/85 cm) – sedimento vermelho, bastante compacto, com pedras, mais úmido do que a CII que o contém. Em meio a este sedimento encontra-se cascalho de continuidade variável. Possível aterro.

CIVb (99/100 cm a 140 cm) – sedimento de coloração com variação entre castanha escura e amarelada, arenoso, grão fino, seco e solto. Camada com variações de cor e umidade, mas de uma maneira geral o sedimento umedece e escurece de acordo com a profundidade.

CVa (140 cm a c.180 cm) – sedimento escuro, muito plástico, argiloso, muito úmido.

CVIa (c.180 cm a c.213 cm) – sedimento mais escuro, argiloso e muito úmido. Surge o lençol freático em 213 cm.



Localização da PB42, no final do alinhamento ao longo do eixo da Estrada (seta azul)
(seta vermelha indica profusão de fragmentos evidenciados pela ação erosiva da água)



Detalhe do local com profusão de fragmentos diversos, na base do terreno onde está a PB42

PB19

A PB19 também foi estendida, com escavação em superfície ampla, para certificar a existência do calçamento (cuja incidência foi recorrente em várias PBs). O ponto parece adequado para que o trecho do calçamento seja mantido exposto, com limpeza frequente das folhas realizada pela equipe da Fundação Mário Peixoto, uma vez que fica ao lado do caminho usado pelos frequentadores do local; visualmente acessível, mas fora do trecho de impacto direto pelo trânsito de pedestres.



Localização do calçamento exposto com relação à Estrada e ao caminho utilizado atualmente por pedestres



Detalhe do calçamento no ponto estendido a partir da PB19

Estratigrafia – alinhamento PB

PB1

PB2

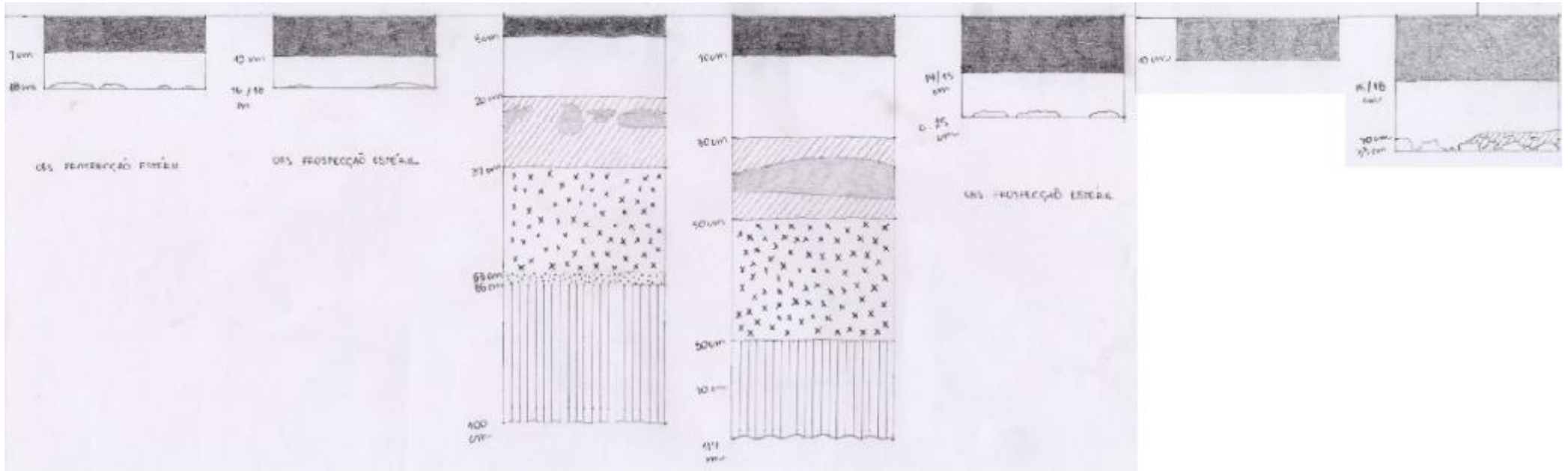
PB3

PB4

PA5

PA6

PA7



Desenho: Suzana Correa

PB8

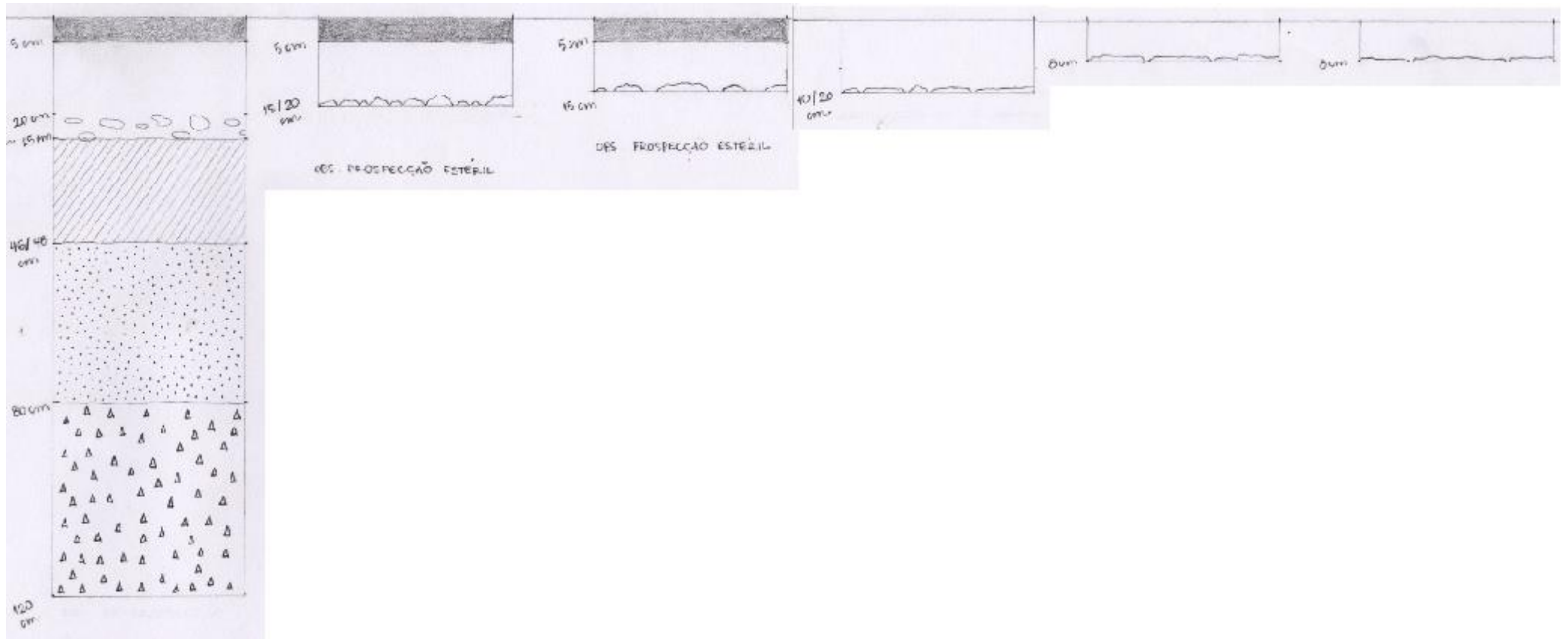
PB9

PB10

PB11

PA12

PA13



Desenho: Suzana Correa

PB14

PB15

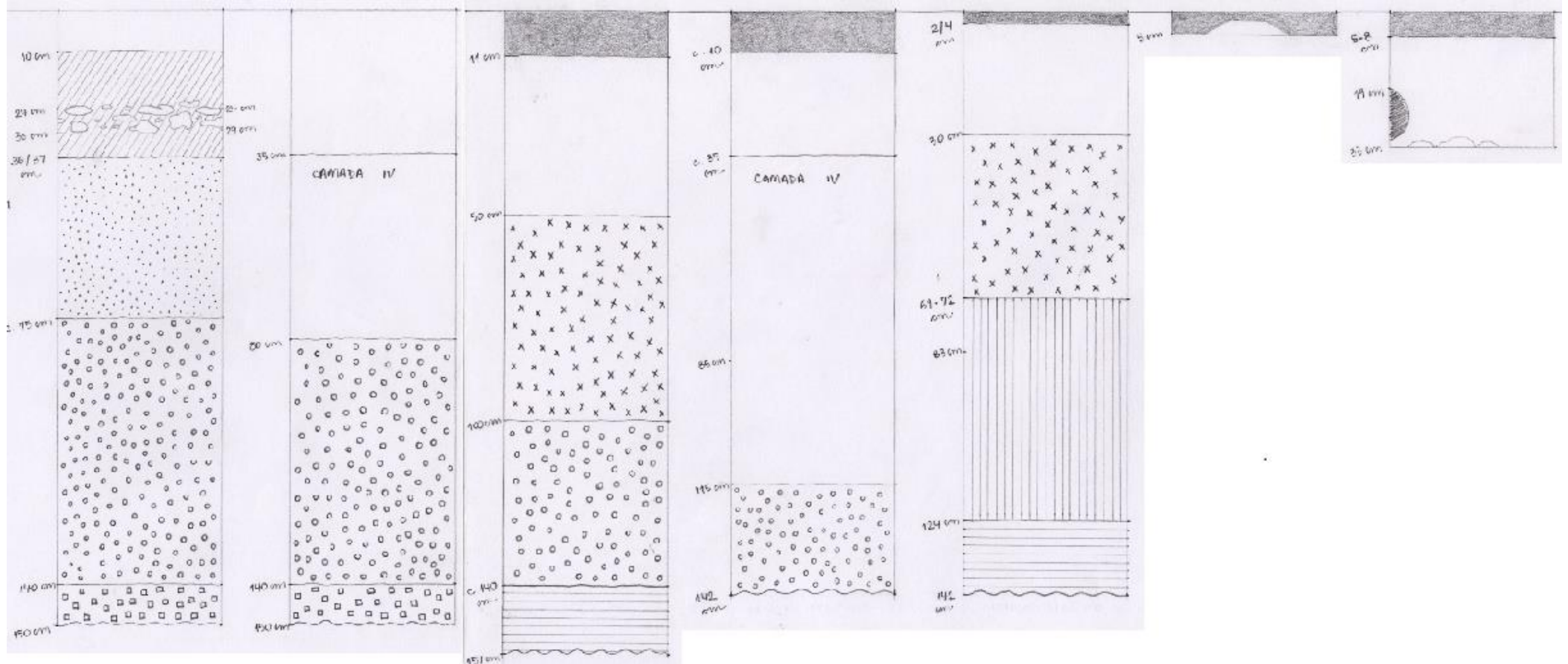
PB16

PB17

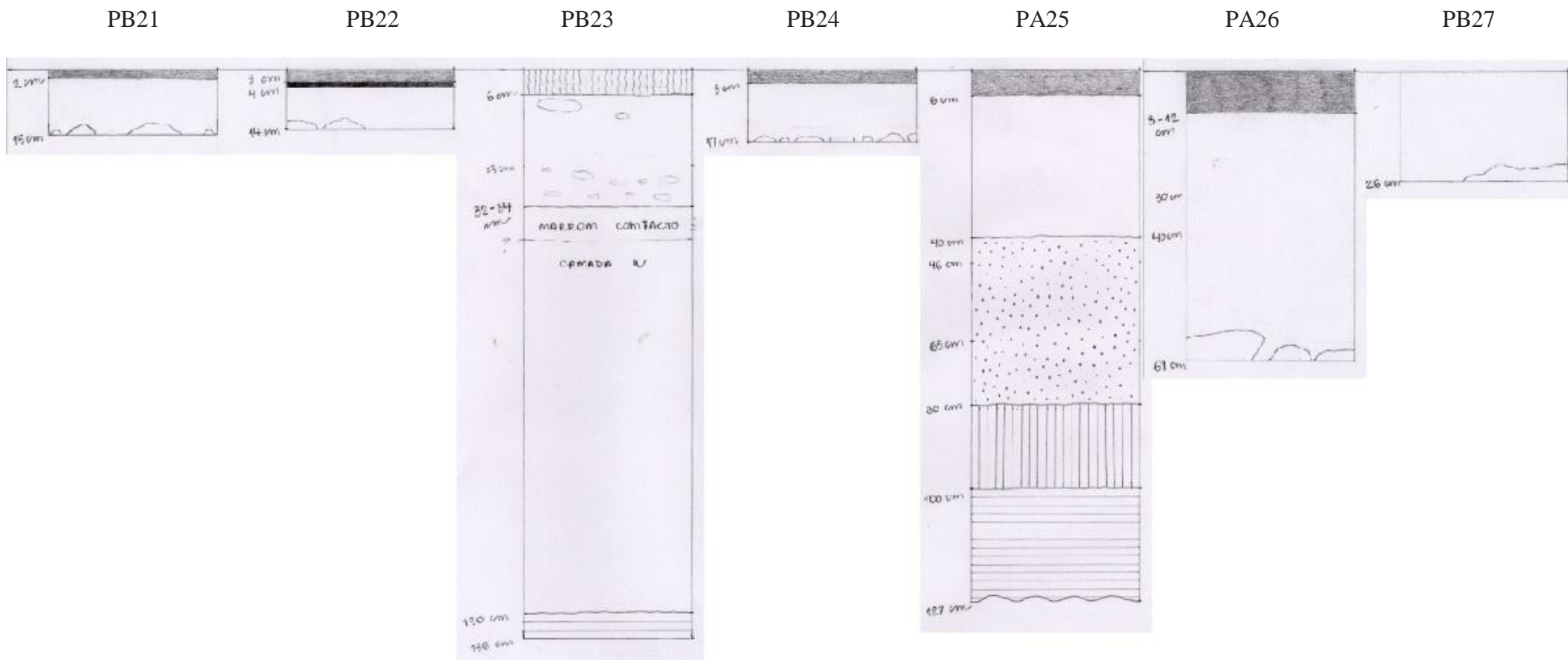
PA18

PA19

PA20



Desenho: Suzana Correa



Desenho: Suzana Correa

PB28

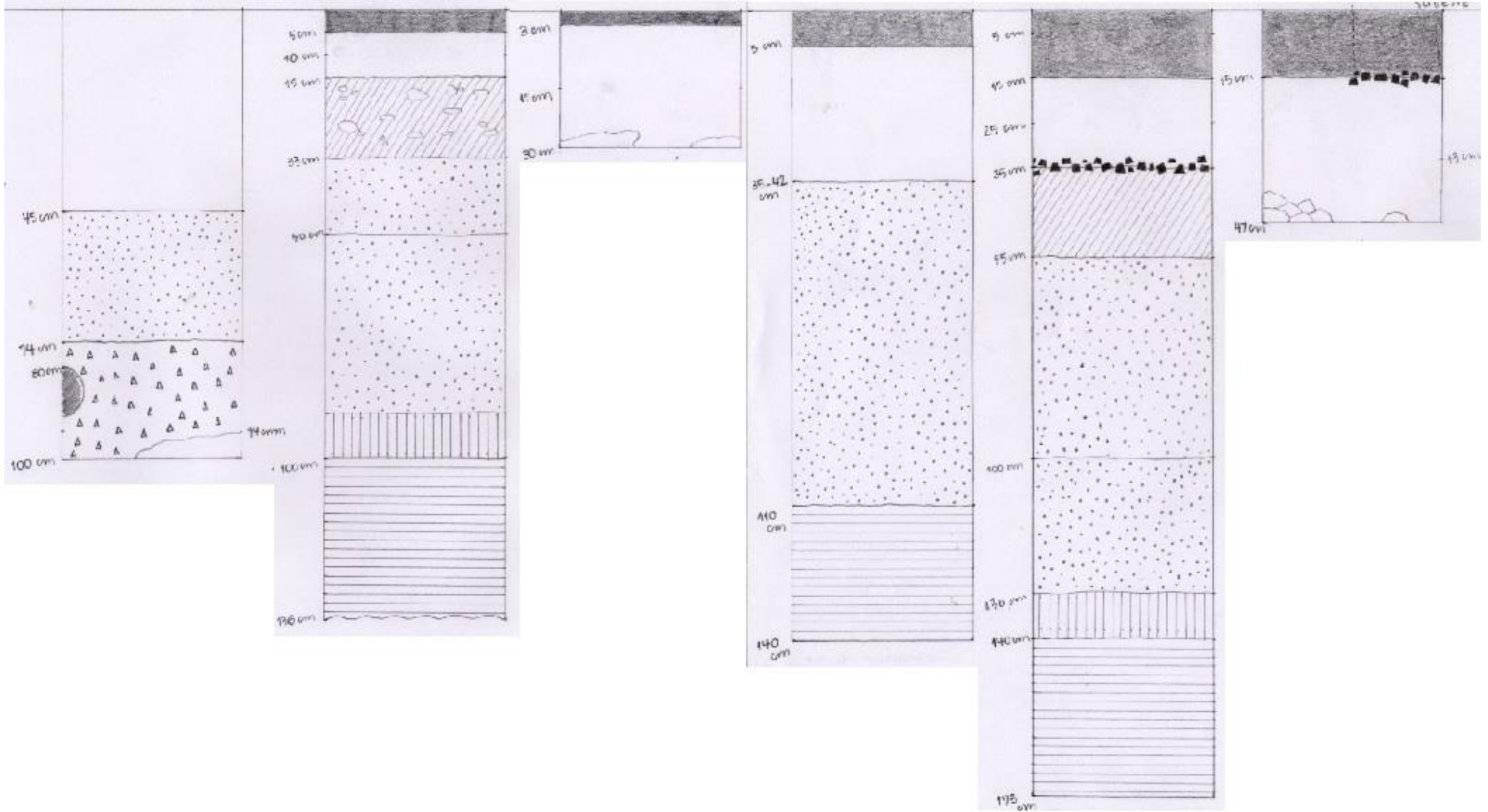
PB29

PB30

PB31

PA32

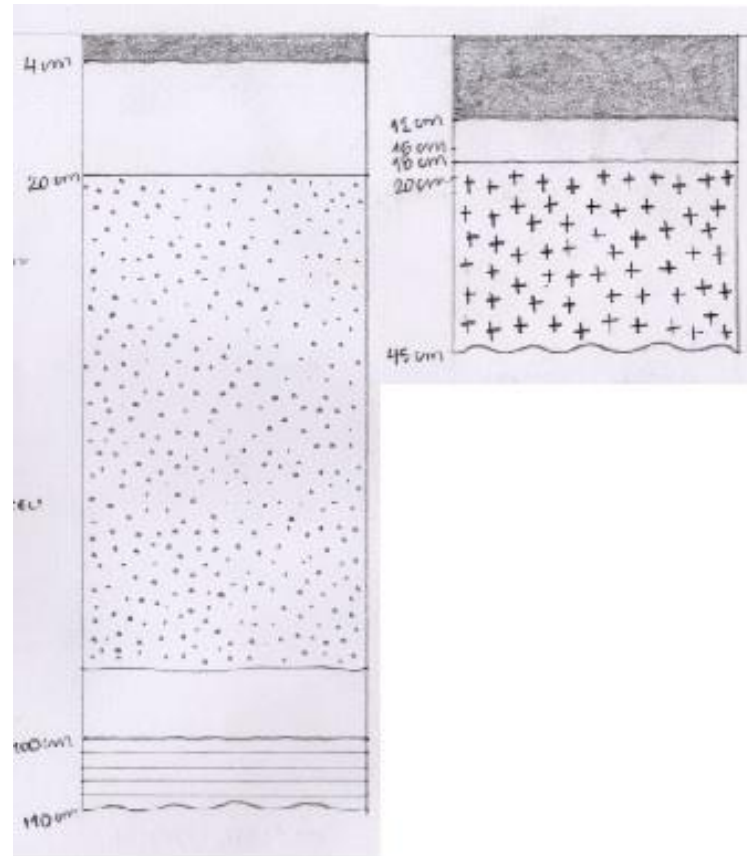
PA34



Desenho: Suzana Correa

PB36

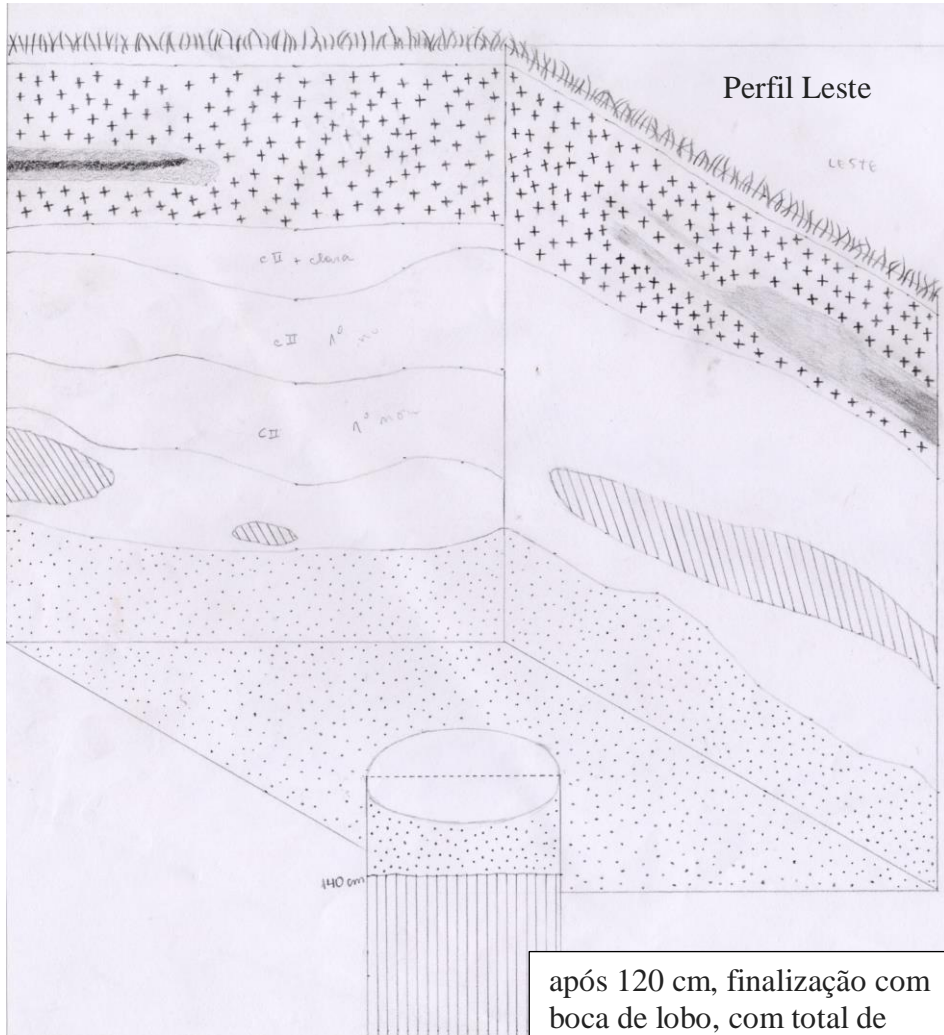
PB40



Desenho: Suzana Correa

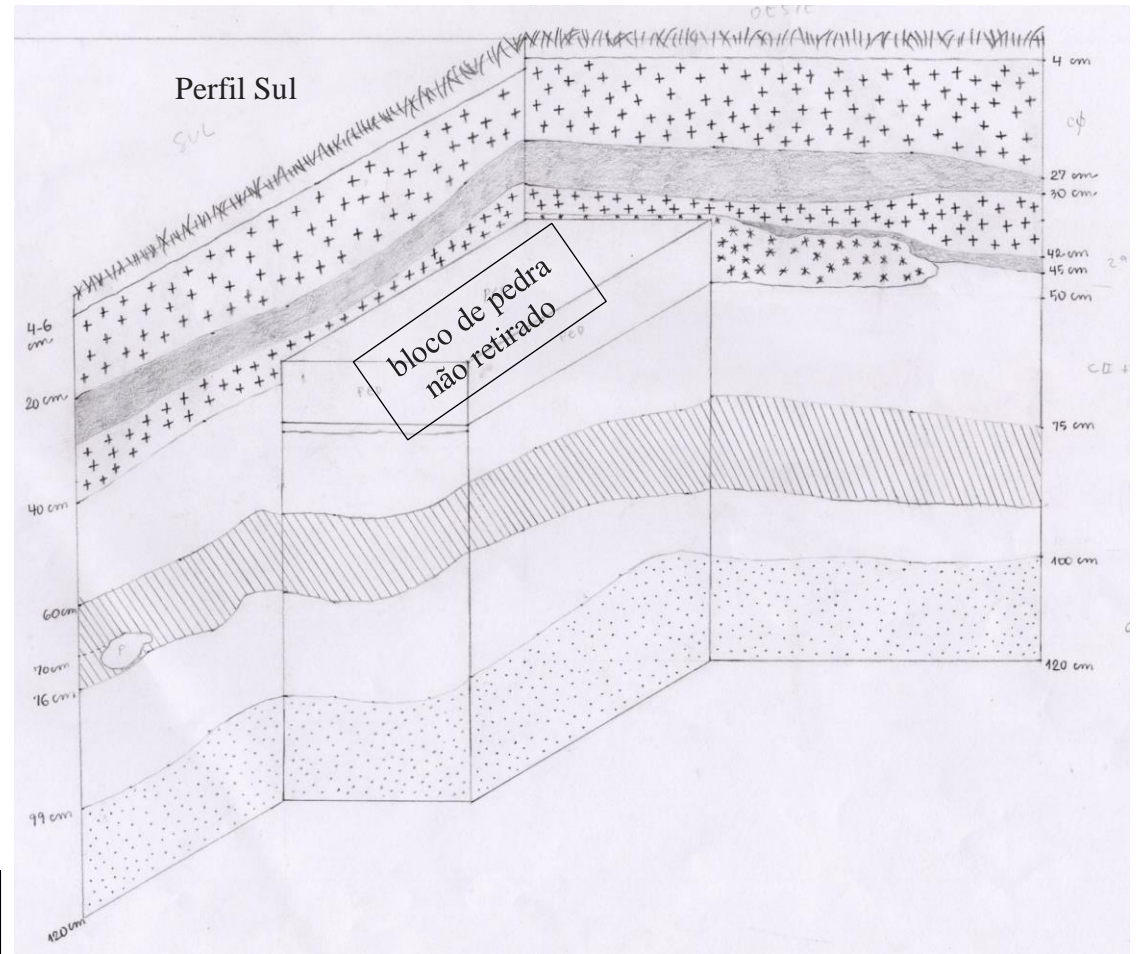
PB42 – 1 m x 1 m

Perfil Norte



após 120 cm, finalização com boca de lobo, com total de 213 cm de profundidade até o lençol freático

Perfil Oeste



Desenho: Suzana Corre

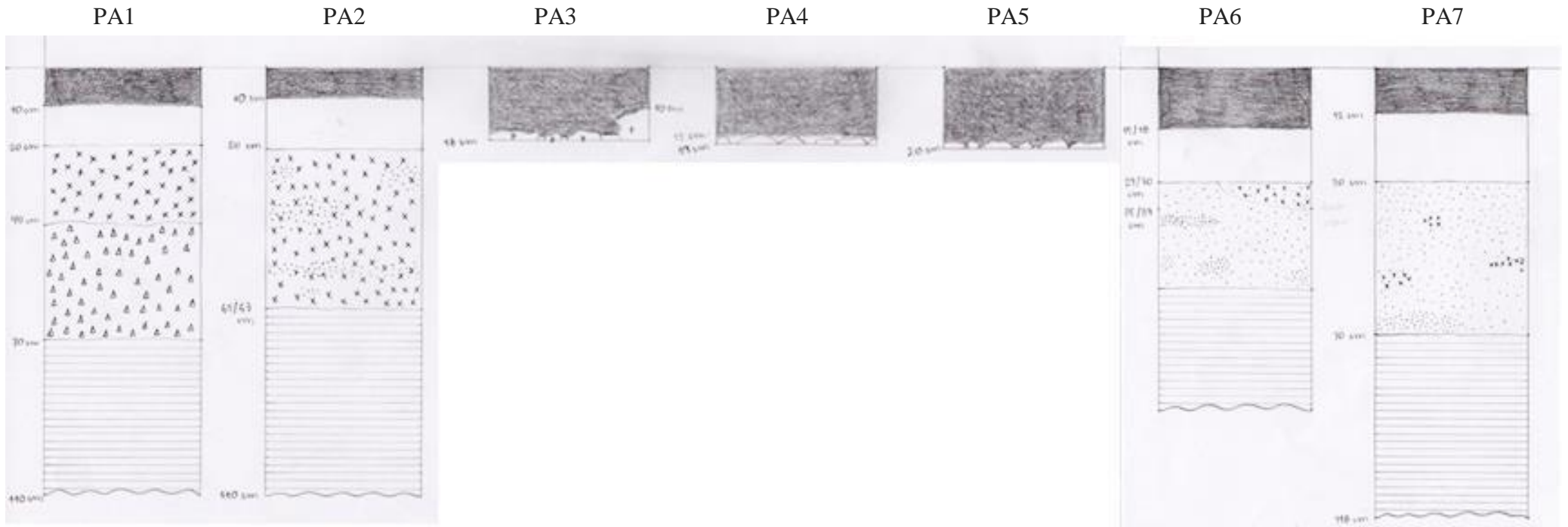
Alinhamento PA (a Leste da Estrada)

Realizadas um total de 7 prospecções com a cavadeira boca de lobo, no sentido Norte – Sul: PA1; PA2; PA3; PA4; PA5; PA6; PA7. De uma maneira geral, as camadas de referência no alinhamento PB serviram de parâmetro. Muitas prospecções revelaram profusão de pedras em níveis superiores, compatíveis ao calçamento identificado na Estrada. No entanto, é mais provável que sejam refugo, fruto do desmonte do muro que margeia a Estrada que está muito próximo do *transect*. De toda forma, pelo momento essas pedras identificadas não foram retiradas, até que outras prospecções possam ser realizadas mais afastadas do muro caracterizando melhor a situação.



Marcação do alinhamento PA, a Oeste da Estrada

Estratigrafia – Alinhamento PB



Desenho: Szuana Correa

Escavação para esclarecimento da relação do CM, CAL e E

Nesse local foram realizadas prospecções, sondagens e trincheiras com três objetivos: 1) identificação da variação da estratigrafia comparativamente entre a Estrada e o possível leito do Canal; 2) averiguação de continuidade de estruturas com trechos ausentes (por exemplo, o muro que margeia a Estrada no ponto em que é cortado pelo Canal); 3) averiguação de elevações no terreno que aparentavam cobrir alinhamento de estrutura.

CML2 / Trincheira 1 e Trincheira 2

Entre a composição arquitetônica designada CML2 e o local do possível Canal (CAL2) há uma elevação abrupta no terreno que parecia encobrir os restos de um muro. Nesse sentido foram realizadas duas trincheiras: T1 com 1 m X 4 m, paralela à Estrada; T2 com 1 m X 2 m, em sentido perpendicular a anterior (ambas sobre a referida elevação, no lado Oeste da Estrada).

A presença da estrutura foi verificada em T1 a poucos centímetros da superfície, no sentido Norte – Sul. Trata-se provavelmente da continuidade do grande muro contínuo do Complexo Murado. Ao que parece este muro contínuo se fechava também no sentido Leste – Oeste (T2), seguindo paralelo ao Canal (CAL2), o que leva a crer que o acesso ao mesmo Canal era restrito (talvez se configurando apenas como uma tubulação subterrânea?). Isto foi verificado em T2, também a poucos centímetros da superfície.



Muro evidenciado na elevação abrupta do terreno (CML2 / T1)
(seta amarela indica o Norte)



Muro evidenciado na elevação abrupta do terreno (CML2 / T1)
(seta amarela indica o Norte)



Muro evidenciado na elevação abrupta do terreno (CML2 / T2)
(seta amarela indica o Norte)

Sondagens (áreas estendidas a partir de prospecções)

SI

A escavação se iniciou com prospecção de 0,5 m x 0,5 m, em local no meio do leito do possível canal (CAL1), em ponto alinhado com o muro que margeia a Estrada a Leste, já que no trecho desse possível leito esse muro está ausente. Encontrando pedras a prospecção foi

expandida para averiguação. Foi evidenciada estrutura de pedra, no alinhamento do muro Leste que margeia a Estrada. Provavelmente a base desse mesmo muro.

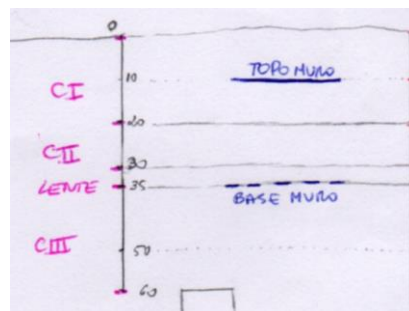


Finalização de S3 – com evidência da estrutura sobre local que seria o leito de acesso ao Canal que corta o CM (seta amarela indica o Norte)



Relação da estrutura evidenciada em S3 com o muro Oeste que margeia a Estrada, sugerindo sua continuidade (relação indicada pela seta vermelha) (seta amarela indica o Norte)

Estratigrafia – CAL1 S1



Ponto onde desceu com boca de lobo,
sem mudança no sedimento

CI (0 a 20 cm) – sedimento escuro e solto, com muitas raízes. Os poucos vestígios encontrados na escavação desse local pertenciam a essa camada (vestígios contemporâneos).

CII (20 cm a 30 cm) – sedimento alaranjado/amarelado, muito compacto, argiloso, grãos finos. Na parede Sul a CII se inicia entre 18 e 20 cm, na parede Norte em 30 cm. Há um corte abrupto na estratigrafia no lado Leste da estrutura evidenciada.

Lente (30 cm a 35 cm)

CIII (35 cm a 90 cm) – sedimento muito escuro, muito úmido, argiloso e denso, grãos muito finos (semelhante ao encontrado no mangue). Em 50 cm de profundidade a camada mantém-se com o mesmo sedimento, mas perde a firmeza, ficando bastante fofa, sem raízes, escura e densa. Em 60 cm aumenta muito a umidade e a densidade. A partir desse ponto continuou com a boca de lobo, no lado N da área escavada (nos lados Oeste e Leste da estrutura identificada). Em 90 cm surge o lençol freático.

OBS:

A partir de 60 cm foram coletadas amostras de sedimento para análise de diatomáceas. As amostras foram coletadas a cada 20 cm (total de duas amostras).

S3

A escavação se iniciou com prospecção de 0,5 m x 0,5 m, em local no meio do leito do possível canal (CAL2), em ponto alinhado com o muro que margeia a Estrada a Oeste, já que no trecho desse possível leito esse muro está ausente. O referido muro, neste caso coincide com a parede Leste da unidade CML2. Encontrando pedras a prospecção foi expandida para averiguação. Foi evidenciada estrutura de pedra, no alinhamento da estrutura referida. Ao que parece havia continuidade do mesmo, mas nesse caso não houve tempo para certificar. Será preciso retomada da escavação para averiguação.



S3 com alinhamento de pedras que sugerem a continuidade do muro fechando o Canal e na direção da estrutura identificada em T2 (seta vermelha faz essa relação)
(seta amarela indica o Norte)

Como hipótese inicial supõe-se que os muros dos dois lados da Estrada (mais seguramente do lado Leste) eram fechados, tendo sido posteriormente aberta uma passagem para acesso de desvio do rio Sahy, formando um canal de abastecimento de água para dentro do CM. A oralidade faz referências frequentes de que ali havia um canal “por onde os escravos entravam em canoas, escondidos”.

Prospecções (com cavadeira boca de lobo)

P2

Em um ponto no meio da Estrada, no seu cruzamento com o possível canal, foi aberta uma prospecção de 0,5 m x 0,5 m, para que fosse possível descer com a cavadeira, devido a elevação do terreno. Foi verificada uma expressiva profundidade da CII, seguida pela CIVa até atingir o sedimento semelhante ao do mangue. Em grande profundidade (entre 110 cm e 130 cm) evidenciaram-se galhos encharcados de vegetais.



Localização de E / P2
(seta amarela indica o Norte)



E/ P2 finalizada
(seta amarela indica o Norte)

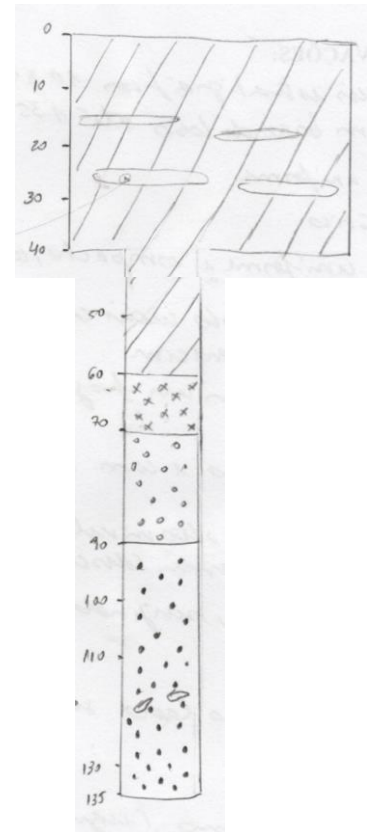
Estratigrafia – E / P2

CII (0 a 60 cm) – sedimento castanho, compacto e uniforme. Com vestígios de carvão, fragmentos de louça, vidro, metal, tijoleira e garrafa de vidro com alto índice de integridade, entre 20 cm e 30 cm de profundidade. A partir de 30 cm o sedimento começa a clarear, surgindo pequenas manchas de sedimento arenoso e branco. A partir de 50 cm foi dado prosseguimento com a boca de lobo.

CIVa (60 cm a 135 cm) – areia muito fina, úmida, clara e acinzentada. Vai se tornando mais úmida e escura na medida que aprofunda. Em 135 cm a boca de lobo não podia mais operar. O lençol freático não foi atingido.

OBS:

Entre 110 cm e 130 cm surgem vestígios de vegetação (pedaços de galhos encharcados, com cerca de 1,5 cm de diâmetro; tocos de galhos do mangue?).



CML2

No setor CML2, apenas com a limpeza de superfície foi possível evidenciar a continuidade desta unidade arquitetônica, no sentido Sul, com soleira de porta e um alinhamento que sugere um calçamento de pedra contínuo, em rampa.



Alinhamento da parede com soleira (seta vermelha) e calçamento em rampa (seta amarela indica o Norte)



Alinhamento da parede com soleira (seta vermelha) e calçamento em rampa (seta amarela indica o Norte)

Neste setor foram encontradas duas moedas do século XIX, identificadas por Paula de J.M. Aranha, do setor de Numismática do Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro:

- ✓ Moeda de 20 Réis, 1823, cunhada no Rio de Janeiro, pois possui letra monetária = R (encontrada no CML2, junto ao calçamento com soleira).
- ✓ Moeda de 80 Réis, com data aproximada entre 1823-31 com carimbo geral de 40 (que foi emitido a partir de 1835), ou seja, podendo ser anterior a década de 30, mas com este carimbo recebido a partir de 1835 e, por isso, só pode ter sido deixada neste local após esta data (encontrada na CML2 / T1).



Moedas da primeira metade do século XIX identificada por Paula J.M. Aranha (MH)

CQ

Trincheira 1

Foi realizada escavação para esclarecimento da continuidade do muro Leste da Estrada e sua articulação com a fachada Sul do Complexo Quadrangular. Não houve tempo para conclusão desta avaliação, mas ao que parece o muro Leste que margeia a Estrada não fechava o acesso à unidade arquitetônica (CQ / C) mais ao Sul do Complexo Quadrangular. A continuação da escavação poderá assegurar esta impressão com a escavação de 30 cm de profundidade, quando a CII parecia finalizar.



Localização de CQ / T1
(seta amarela indica o Norte)

Coleta de amostra de sedimento – CQ / B

Foi realizada coleta de sedimento no interior do aposento onde se acredita pode ter sido local para abrigo de africanos escravizados (CQ / B). Uma sequência de orifícios na parede Sul deste aposento sugere a possibilidade de ter sido local para fixação de correntes. Na suposição de pessoas aprisionadas no local, a geoarqueóloga Ximena Villagrán sugeriu a análise de sedimento do local para identificação de coprostanol (indicativo de fezes humanas), bem como profissional para a realização desta análise.

O local da coleta foi a 15 cm da parede interna Sul de CQ / B, em um ponto abaixo dos referidos orifícios, em frente à coluna. Foi praticamente o único local na base dos orifícios com possibilidade de escavar sem a necessidade de tirar os grandes blocos de pedra do desmonte das paredes que cobrem praticamente todo o chão do aposento.

Síntese das camadas identificadas na sondagem no CQ/B

A = amostra coletada

CI – 0 a 16,5/20 cm

Sedimento escuro, solto, com muitas folhas e raízes;

10 cm: surge leito de pedras miúdas;

10 cm: sondagem estendida para 100 X 40 cm para retirada das pedras e avaliar condições de prosseguimento;

20 cm: surge fragmento de telha, coletada como material associado (referente a 15 cm a 20 cm); anuncia a chegada da camada avermelhada;

A1 – 0 a 10 cm

A2 – 15 cm; abaixo do leito de pedras miúdas;

A3 – entre 15 cm e 20 cm; após retirada do leito de pedras miúdas;

CII – 20 cm a 32/37cm

20 cm a 30 cm: após coleta de A4 foram retiradas outras pedras miúdas para prosseguimento, que continuaram a aparecer

20/25 cm: sedimento começa a ficar levemente avermelhado, continuam as pedras miúdas

A4 – 20 cm a 30 cm; após a coleta continuam as pedras miúdas que foram retiradas para prosseguir

OBS:

Fragmento de telha anunciou a chegada do sedimento avermelhado, entre 25 e 30 cm.

Na hora fiquei atenta para observar se o sedimento poderia ser das telhas em desmanche pela umidade. Na peneira ficou claro que era um sedimento avermelhado, plástico (tipo adobe) = piso?

CIII – 30 cm a 50 cm

30 cm: sedimento começa a ficar levemente avermelhado

30 a 49 cm: sedimento avermelhado é bem mais compacto; um pouco argiloso; ainda com pedras no meio – incluindo pedras um pouco maiores e profusão de pedras miúdas.

A5 – 35 cm

A6 – 40 cm a 50 cm; quando diminuem os torrões avermelhados que constituem a CIII.

OBS:

Fragmentos de telha, metal (todos em meio a mais pedras miúdas); torrões de terra avermelhada (parecido com adobe – também coletados como material associado)

CIVb – 50 cm a 75 cm

Sedimento fica arenoso, amarronzado, diminui a profusão de pedras.

60 cm a 70 cm: pedras praticamente desaparecem.

70 cm a 80 cm: completa ausência de pedras.

A7 – 50 cm

A8 – 63 cm

A9 – 70 cm

CVb – 75 cm a 100 cm

75 cm: sedimento fica mais solto, fino, ainda arenoso, bege claro (um pouco mais claro que o anterior); ausência das pedras.

90 cm a 100 cm: sedimento arenoso, fino, bege claro, um pouco mais úmido.

A10 – 80 cm a 90 cm

A11 – 90 cm a 100 cm

CVIa – 100 cm a 140 cm

100 cm: sedimento fica muito úmido, arenoso, fino, acinzentado, muito fofo/solto.

100 cm a 110 cm: sedimento fica ainda mais úmido e cinza, muito fofo/solto, areia fina.

110 cm a 120 cm: sedimento muito fofo/solto, cinza, areia muito úmida, muita mica.

120 cm a 130 cm: Sedimento muito fofo/solto, muito úmido, areia fina cinza (misturada com branca e marrom, mas predominantemente cinza).

130 cm a 140 cm: Sedimento muito úmido, muita mica, areia fina, cinza fica mais escuro, manchas ferruginosas.

140 cm – lençol freático.

A12 – 100 a 110 cm

A13 – 110 a 120 cm

A14 – 120 a 130 cm

A15 – 130 a 140 cm

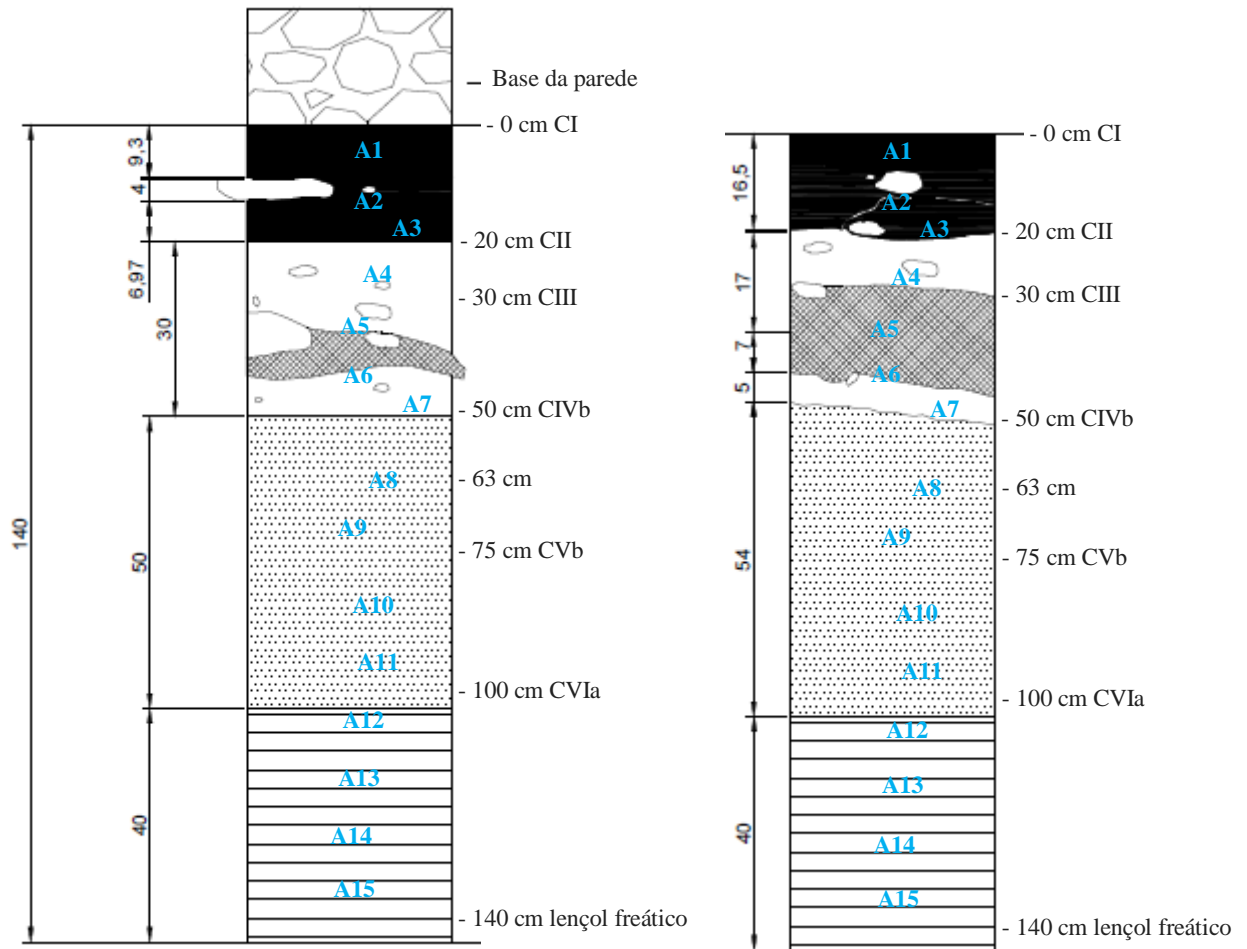
OBS:

A impressão é que o piso do século XIX na área de entorno (na Estrada) esteja entre a CII e CIV; que, por vezes, aparece com calçada de pedras sobre aterro de sedimento vermelho (CIII). Na área interna de CQ / B deve-se considerar que o chão do aposento está todo coberto por pedras das paredes desmoronadas. Acredita-se, no entanto, que o

sedimento avermelhado possa condizer com a mesma CIII da Estrada. Foi sobre ele, em CQ / B, que apareceu fragmento de telha.

Estratigrafia da sondagem, com localização dos pontos de coleta:

(largura da sondagem distorcida (ampliadas) para facilitar o desenho das variações de uma sondagem circular, com cerca 50 cm de diâmetro)



Desenho: Jhonatan Souza

Fechamento das áreas de escavação

As unidades de escavação que foram previstas para ter sua pesquisa continuada foram sinalizadas com fitas zebreadas, telas ou tiras de plástico antes de serem cobertas com terra.



Exemplos de marcação na finalização da escavação:
E/PB42 (a cima), CML2/T1 (meio) e CQ/T1 antes de cobri-las com a terra

Trabalho em laboratório

Os dados coletados em campo vêm sendo processados e analisados em laboratório. Um banco de imagens e áudio, mapas e análise dos dados estratigráficos das sondagens realizadas já foram concluídos. O processamento dos dados para produção da planta geral bem como desenhos em AUTOCAD vem sendo realizado com as dificuldades indicadas anteriormente. De toda forma, os croquis e registros realizados até o momento já permitem alguma clareza das diferentes áreas e setores do complexo e suas principais características.

Estão em análise amostras de solo, coletadas no aposento do Complexo Quadrangular onde se acredita ter abrigado os africanos, alguns presos em correntes (CQ / B). As análises buscam indícios de coprostanol (indicativo de fezes humanas). Estas análises estão sendo coordenadas pela consultora do projeto Ximena Villagran (USP).

Foi iniciada a lavagem apenas do material construtivo. Com minha contratação para a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ainda está sendo providenciada a transferência da área de trabalho em laboratório do Labhoi/UFF para as dependências da UERJ. Portanto, sem a possibilidade de acompanhar os graduandos em História da UFF integrados ao projeto no cotidiano do trabalho no laboratório, a limpeza mais cuidadosa do material, assim como sua análise, aguardam a resolução da questão do espaço de trabalho.

No entanto, os estagiários tem adiantado as transcrições de diversos manuscritos levantados no Arquivo Nacional e no Museu da Justiça ao longo deste primeiro ano de pesquisa. As análises desses documentos estão em andamento.

Atividades Públicas

O caso das ruínas do Sahy em Mangaratiba chama a atenção pela magnitude do complexo, trazendo à tona a relevância tanto histórica quanto contemporânea desses vestígios. Interpretações e reflexões sobre as funcionalidades e significados deste espaço não são apenas relevantes para a produção de um conhecimento acadêmico, mas também para a sociedade de uma maneira geral, tanto para moradores locais que têm uma relação direta e cotidiana com os vestígios, quanto no âmbito nacional pela excepcionalidade das estruturas e o que elas podem revelar para a história da escravidão no Brasil (a exemplo do interesse do projeto *A Rota dos Escravos*, da UNESCO).

Exemplos práticos das atividades de caráter público da pesquisa podem ser ressaltados, como a observação dos usos contemporâneos do espaço. Desde moradores que frequentam o local no seu cotidiano de acesso à praia; os banhistas que preparam reuniões entre amigos e familiares entre as ruínas, incluindo a organização de churrascos (que são proibidos por se tratar de uma Unidade de Conservação Ambiental), até representantes de religiões afro-brasileiras que consideram o local um espaço sagrado e frequentemente o buscam para devoções, festas, práticas de cura, entre outros.

Entender os sentidos e significados deste espaço para os diferentes *atores sociais* do presente parece tão importante quanto gerar um conhecimento sobre o passado acerca do mesmo. O diálogo entre passado e presente tem sido fundamental como forma de dar sentido às produções acadêmicas que não devem estar restritas aos bancos universitários, mas, também, para valorizar as perspectivas daqueles que fazem deste espaço parte de suas vidas.

Outro aspecto de caráter social é a incorporação de estudantes e funcionários locais no andamento dos trabalhos de campo. Integrá-los à equipe é não apenas uma forma de capacitação especializada dessas pessoas, mas também tê-los como intermediários que são de grande valor para que o diálogo da universidade com grupos locais seja frutífero.

Para além dessas considerações, que são aspectos relevados na condução das diversas práticas relacionadas ao trabalho de campo, foram realizadas atividades junto a uma associação de pesca local (Associação dos Pescadores Maricultores Lazer do Sahy / ASSOPESCA); e estão sendo programadas outras incluindo escolas. Existe a previsão de atuação junto ao Colégio Estadual Montebello Bondim, em Muriqui/Mangaratiba (atividade ainda em definição junto à Diretora da escola). Por outro lado, conversas especificamente

sobre os sentidos religiosos conferidos ao local têm sido realizadas com lideranças e praticantes.

Uso religioso

Conversas informais, entrevistas gravadas, pequenas filmagens, assim como registro visual e escrito dos usos religiosos do local vêm sendo realizados. A materialidade associada a essas práticas se dá de diferentes maneiras. Como oferendas, “despachos”, instalação de imagens em meio às ruínas, bem como vestígios remanescentes que passam a compor o refugio arqueológico.



Imagem de Zé Pelintra instalada na parte interna do muro Norte do CM e mantida em uso



Moedas encontradas juntas,
no local do calçamento em CML2,
datadas de 1988



Oferenda em CML2 / esquina do muro-calçamento

Atividades com moradores


A primeira atividade realizada foi uma roda de conversa com moradores do bairro do Sahy, a convite da ASSOPESCA. O encontro reuniu cerca de quinze pessoas, entre crianças, jovens e adultos, que se mostraram interessados em conhecer e conversar sobre nosso trabalho. Nesta reunião, foram realizados desenhos das ruínas pelos moradores a meu pedido. Esse material sugere o potencial no desenvolvimento de uma etnocartografia, por um lado, e, a possibilidade de situações/espços alternativos de diálogo com diferentes atores, por outro.



Roda de conversa com moradores do Sahy – produção de desenhos

Posteriormente, também respondendo a um pedido da mesma associação (para disponibilizarmos folders ou cartazes para “enfeitar” a sua sede recém-inaugurada), foi produzida uma exposição de quadros posteriormente doada à ASSOPESCA. Foram nove quadros compostos por réplicas dos desenhos produzidos pelos moradores na reunião em diálogo com fotografias das ruínas; mapas históricos do acervo do Arquivo Nacional; pequenos textos de apresentação da exposição; e fotografias das ruínas produzidas pelo projeto.




 Assopesca Sahy Mangaratiba adicionou 9 novas fotos.
5 de novembro às 10:19

Nesta terça dia 4 de novembro, tivemos várias atividades em nossa sede, foi também o dia da UFF(universidade federal fluminense) com a exposição das fotos das ruínas e os desenhos feito pelas nossas crianças, UFF, mas uma parceira da Assopesca Sahy Mangaratiba, muito obrigado à todos.



Descurtir · Comentar · Compartilhar

 Você e outras 18 pessoas curtiram isso.

 5 compartilhamentos

 Camilla Agostini Suzana Corrêa Martha Abreu Hebe Mattos
5 de novembro às 21:14 · Curtir

Produção e doação de exposição permanente para ASSOPESCA

Reivindicações dos moradores ao poder público

Uma demanda comum entre moradores e usuários em geral do espaço onde se encontra o complexo de ruínas do Sahy é pela urgência de medidas de conservação das ruínas. Alguns opinam sobre a necessidade de cercamento, outros de fiscalização permanente, ou, ainda, de instalação de iluminação para destaque das estruturas.

As demandas públicas por preservação, contudo, nem sempre incluem diretamente a valorização dos saberes que o lugar oferece, sendo a abstração do conhecimento por vezes algo distante e remoto, o que não torna raro o sentimento de que “conhecer por conhecer não adianta nada, se deixarem tudo cair”, tal como registra esse desabafo de moradora do Sahy. A relevância do conhecimento que se pode produzir a partir dos vestígios para o grande público é um desafio que o projeto assume e vem buscando estratégias para desenvolver.

A pesquisa tem buscado, assim, sensibilizar as pessoas sobre a relevância de diferentes saberes para além da “coisa em si”. Sentidos conferidos às ruínas que podem, inclusive, ajudá-las a manterem-se de pé. Acredita-se que, talvez, outras luzes (que não de holofotes) possam ajudar, inclusive, a chamar a atenção das autoridades para essa demanda da sociedade e de um bem que, afinal, é protegido por lei.

Ainda que atuando há pouco tempo no local, a equipe já observou o desmoronamento de algumas estruturas e as condições de outras que parecem perto de desabar. Nesse sentido, é evidente a urgência de medidas para consolidação das estruturas.



Exemplo de fragilidade da estrutura em CQ / C



Exemplo de registro de desmoronamento em CQ / C



Exemplo de coluna desmoronada recentemente (coloração avermelhada da argamassa exposta)

Vale ressaltar que o complexo de ruínas está dentro de uma Unidade de Conservação Ambiental, que demanda cuidados para além das necessidades de preservação do vestígio arqueológico, sendo a instalação de benfeitorias, ou outros recursos (como iluminação), apenas possível de maneira a não prejudicar a área de vegetação, a presença da fauna, etc. A Secretaria de Meio Ambiente, ligada à Prefeitura de Mangaratiba, oferece fiscalização esporádica, carecendo de efetivo para a necessária proteção permanente desse espaço que tem peculiaridades complexas devido ao grande fluxo de banhistas e usuários no seu cotidiano.

Vale lembrar ainda que uma equipe especializada, coordenada por Eduardo Enrique Goularte, ligada à Fundação Mário Peixoto, tem sido responsável pela limpeza e manutenção da área do sítio, cujo trabalho deve ser valorizado não apenas pela relevância da sua função, mas pela qualidade de atuação dessa equipe. É frequente o reconhecimento de usuários do local que comparam a área das ruínas sob cuidado atualmente com períodos anteriores quando a mesma permanecia tomada pelo mato. Essa mesma equipe, assim como agentes da guarda ambiental, tem participado nas atividades de campo em apoio à pesquisa, prestando primoroso trabalho de suporte às atividades.

O aspecto de conservação das estruturas propriamente depende de recursos, equipe especializada em consolidação de ruínas e autorização das autoridades governamentais, uma

vez que se trata de sítio arqueológico protegido por lei. Inúmeras solicitações às instâncias governamentais têm sido feitas, em particular pela historiadora local Mirian Bondim, que vem solicitando essas medidas, em defesa desse patrimônio. Mangaratiba e as ruínas do Sahy aguardam uma posição das instâncias responsáveis.

Divulgação científica da pesquisa

Apresentação de trabalhos

Seguem listadas as participações em eventos científicos, nos quais a pesquisa no Sahy foi divulgada e discutida:

- Apresentação do trabalho: *Os Africanos não estavam sós. A experiência Africana e suas expressões em relação a outras “minorias”* no II Simpósio de Pós-Graduandos em História Social da Universidade Severino Sombra. O Ofício do Historiador: relatos de pesquisa, realizado na Universidade Severino Sombra, Vassouras, no dia 27 de setembro de 2013.
- Apresentação de trabalho: *Diálogos à beira mar: o reconhecimento de alteridades entre grupos não hegemônicos no litoral sul-fluminense no tempo da ilegalidade do tráfico de escravos*, no I Seminário Cultura Negra no Atlântico: reflexões sobre diáspora, identidades, raça e história transnacional no pós-abolição, realizado na Universidade Federal Fluminense, Niterói, de 11 a 13 de novembro de 2013.
- Palestra *“As coisas estão no mundo só que eu preciso aprender”*: os sentidos da cultura material na escravidão e seu legado, no Instituto dos Pretos Novos, Rio de Janeiro, 25 de junho de 2014.
- Apresentação em Grupo de Trabalho: *Paredes que guardam pessoas que guardam paredes. Sentidos e apropriações de ruínas do “tempo dos escravos”*, na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), realizada em Natal entre 3 e 6 de Agosto de 2014.
- Apresentação de trabalho: *Falam as paredes sobre as pessoas que se fizeram ali. Apontamentos sobre o percurso de africanos desembarcados clandestinamente no Brasil escravista*, em co-autoria com Hebe Mattos e Martha Abreu, no III Encontro Internacional de Estudos Africanos da UFF, a ser realizado em Niterói, de 15 a 19 de setembro de 2014.
- Apresentação em Simpósio: *Sobre trajetórias, experiências e trânsitos. De onde vêm nossos textos?*, na VII Reunião de Teoría Arqueológica da América do Sul (TAAS), a ser realizada em San Felipe / Chile, entre 6 e 10 de Outubro de 2014.

- Apresentação em mesa redonda: “*Enslavement*” e a arqueologia do tornar-se escravo no Brasil, realizado pela Sociedade de Arqueologia Brasileira / Regional Sudeste, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, nos dias 26 e 27 de novembro de 2014.
- Apresentação em mesa redonda: *Desafios da multivocalidade no diálogo entre arqueologia e religião*, no I Encontro do Grupo de Estudos Cultura e Religiosidade Afro-brasileira: escravidão, devoções e cultura popular – olhares diacrônicos, realizado pelo Instituto dos Pretos Novos, no Rio de Janeiro, no dia 13 de novembro de 2014.

Publicações

- Artigo *Cultura material, memória e o lugar do outro na produção do conhecimento: sentidos e apropriações de ruínas do “tempo dos escravos”*, na coletânea *Cultura material em ação*, C. Agostini e A. Larrain (orgs.), com projeto de publicação em andamento.
- Artigo em coautoria com o historiador Marcos Abreu sobre o processo de escravização de centro-africanos trazidos para o Brasil oitocentista, em elaboração.

Equipe e apoios

A pesquisa vem sendo desenvolvida junto ao Labhoi, na Universidade Federal Fluminense, contando com a parceria das historiadoras Hebe Mattos e Martha Abreu, com recursos do CNPq e Faperj, assim como o apoio de diversas instituições, entre elas a Fundação Mário Peixoto; Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura de Mangaratiba; Associação de Pescadores, Maricultores e Lazer do Sahy (Assopesca); Universidade de São Paulo; Universidade Federal de Minas Gerais. Cópia do presente relatório será entregue à Fundação Mario Peixoto e à Secretaria de Meio Ambiente deixando o registro das atividades também disponíveis às autoridades locais.

Começa a se consolidar uma equipe de pesquisa permanente que tem atuado no projeto junto ao Labhoi/UFF; que atualmente conta com duas bolsas de Iniciação Científica. A partir de agora se espera incluir alunos do curso de graduação em Arqueologia da UERJ, onde passei a compor o quadro docente junto ao Departamento de Arqueologia. A equipe permanente ligada ao projeto é composta por:

Coordenação

- Camilla Agostini (UERJ)
- Martha Abreu (Nupech/UFF)
- Hebe Mattos (Labhoi/UFF)

Colaboradores e Consultores:

- Ximena Villagran (USP)
- Marcos Abreu (Doutorando da Northwestern University / EUA)
- Fernanda Codevilla (Pós-doutoranda em Arqueologia pela UFMG)
- Jimena Cruz (Doutoranda em Arqueologia pela UFMG)
- Jago Jonathan Birk (Univesitat Mainz / Alemanha)
- Keila Grinberg (UNIRIO)
- Thiago Campos Pessoa (Pós-doutorando em História pela UFF)
- Rafael Abreu (Doutorando em Arqueologia pela USP)
- Renata Anunciação da Silva Borges (Graduanda em História UNIRIO)
- Equipe de profissionais especializados na limpeza e manutenção do patrimônio do Município de Mangaratiba, ligados à Fundação Mário Peixoto

Estagiários:

- Suzana Correa Barbosa (Jornalista e Mestre em História pela UFF; graduanda em História pela UFF) – bolsista IC em substituição
- Raquel Terto (Graduanda em História pela UFF) – bolsista IC

Cronograma de execução

2015

| | | | |
|--------------|---|---------------|--|
| Mês 1 | Análise dos manuscritos; análise em laboratório dos vestígios arqueológicos | Mês 7 | Escavação com intuito de localizar áreas de refugio, com vestígios de descarte cotidiano |
| Mês 2 | Idem | Mês 8 | Análise do material trazido de campo |
| Mês 3 | Idem | Mês 9 | Idem |
| Mês 4 | Idem | Mês 10 | Idem |
| Mês 5 | Idem | Mês 11 | Idem, consolidação dos dados (já se prevê interesse na renovação da portaria de pesquisa que deverá ser encaminhada) |
| Mês 6 | Idem | Mês 12 | Consolidação dos dados, com elaboração de relatório |